



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**O Reconhecimento das Emoções Básicas através da análise da expressão facial: A
Influência da Toxicodependência**

Mafalda Cardoso Pinto Gonçalves

**Orientador da Dissertação:
Professor Doutor Eduardo Sá**

**Coordenador de Seminário de Dissertação:
Professor Doutor Eduardo Sá**

**Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:
Mestre em Psicologia Aplicada
Especialidade em Psicologia Clínica**

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Eduardo Sá, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Eduardo Sá por toda a sua sabedoria e simplicidade com que me foi guiando neste caminho.

A todos aqueles que ao colaborarem neste investigação, tornaram este projecto possível.

Aos meus pais que sempre acreditaram em mim, que me apoiaram incondicionalmente e a quem devo tudo que sou hoje.

Ao Rui pelas suas palavras e pelo seu conforto. Por ter estado lá incondicionalmente, por toda a paciência que teve comigo durante os meus altos e baixos ao longo desta dissertação.

Por fim, agradeço a todos aqueles que me acompanharam e puxaram por mim nos momentos de menor inspiração.

A todos, muito obrigada.

RESUMO

O Reconhecimento das Emoções Básicas através da Análise das Expressões Faciais: A Influência da Toxicodependência

Partindo do pressuposto que as emoções podem ser definidas como uma realidade multidimensional e, reconhecendo a universalidade da sua expressão e reconhecimento nos rostos humanos, de acordo com o postulado pela Teoria Neurocultural das Emoções, procedeu-se á análise de casos múltiplos com o principal objectivo de compreender a importância de variáveis capazes de influenciar a acuidade do seu reconhecimento. Deste modo, a toxicodependência foi considerada como uma variável pertinente capaz de influenciar o reconhecimento das emoções.

Contudo, através da obra de Freitas-Magalhães (2007)- A Psicologia das Emoções: O Fascínio do Rosto Humano – sabe-se que as mulheres são mais espontâneas e mais consistentes do que os homens na percepção das emoções básicas e, por essa razão, este estudo foca-se apenas em indivíduos do sexo feminino.

Da aplicação do *Teste de Reconhecimento das Emoções Básicas* a uma amostra de três participantes do sexo feminino sob a influência da variável em causa, procurou-se compreender se de facto as mulheres têm a mesma capacidade de reconhecimento das emoções quando estão sob o efeito de drogas e se a sua vivência emocional não irá afectar a sua percepção relativamente às emoções básicas.

Assim, concluiu-se que, efectivamente, a toxicodependência tem um papel determinante na percepção das emoções, e compreende-se que essa influência é tão instável quanto o processo adictivo do sujeito. Também a vivência emocional do sujeito, fazendo parte integrante da vivência do toxicodependente, irá influenciar a percepção que este tem das emoções de forma irregular.

Palavras-Chave: Emoções básicas, toxicodependência feminina, análise de casos múltiplos

ABSTRACT

The recognition of basic emotions through facial expressions Analysis: Influence of Drug Addiction

Considering that emotions can be defined as a multidimensional reality, and recognizing the universality of their expressions, such as Neurocultural Theory claims, an analysis was made of multiple cases, with the purpose to understand the importance of variables that influence the accuracy of their recognition. Therefore, drug was considered as a relevant variable that affects the recognition of emotions.

However, through the work of Freitas Magalhaes (2007) - *The Psychology of Emotions: The Fascination of Human Face* - it is known that women are more spontaneous and more consistent than men in the perception of basic emotions, and for that reason, this study focuses only on individuals females.

Trough the implementation of Basic Emotions Recognition Test in a population of three women under the influence of variable concerned, we have tried to understand if that women have the same capacity for the recognition of emotions when they are under the influence of drugs, and if their emotional experience will not affect their perception regarding the basic emotions.

In fact, it was concluded that drug has a crucial role in the perception of emotions, and this influence is as unstable as the addictive process of the subject. Also, the emotional experience, as part of the experience of the drug addict, will influence the perception that this is the excitement of irregular shape.

Keywords: Basic Emotions, female drug, analysis of multiple cases

Índice

Introdução	1
Enquadramento Conceptual	3
Emoção	3
Definição de Emoção	3
Filogenia da Emoção	6
Funções da Emoção	9
Uma possível Classificação das Emoções	12
Teorias e Contributos para o Estudo das Emoções	14
Neurofisiologia das Emoções	21
Expressão facial	29
Diferenças de Género	32
Toxicodependência	34
Personalidade	35
Dinâmica Familiar	43
Toxicodependência na mulher	49
Problemáticas e Questões	52
Metodologia	53
Instrumento	53
Técnica de Recolha de dados	54
Participantes	54
Descrição dos Procedimentos	55
Resultados	56
Apresentação de Resultados	56
Análise de Resultados	58

Discussão	62
Conclusão	66
Bibliografia	69
Lista de Tabelas	
Tabela 1:	57

Introdução

O rosto humano é o palco da nossa identidade e é a parte do corpo mais visível no contacto social, sendo portanto um canal de comunicação privilegiada. Para Hager (cit in Freitas Magalhães, 2007) consiste no primeiro sistema de comunicação humana. Efectivamente, é através do rosto que falamos, revelando muitas vezes aquilo que não pretendíamos revelar.

Portanto, a importância da expressão facial na interacção social é inegável tal como o ilustram, por exemplo, os estudos da atracção facial e diferenças de género. Assim sendo, é bastante proveitoso reflectir acerca da expressão facial, concretamente quando se exhibe uma emoção básica, também este um elemento de grande importância na interacção com os outros.

Consideramos, portanto, que a utilidade do nosso estudo residirá na tentativa de compreender a relação entre o reconhecimento das emoções e as características pessoais, mais concretamente, com a toxicodependência, podendo desta forma, através dos resultados, esclarecer a capacidade que esta população tem na interpretação das expressões faciais e, conseqüentemente, podemos verificar a influência que a ingestão de drogas tem na percepção e o reconhecimento destas mesmas expressões.

Todos nós, desde cedo, nos aventuramos a ler a linguagem do rosto. Esta tentação é tão antiga como o Homem e é exposta em evidência pelas pinturas faciais e pelas máscaras que os povos primitivos adoptaram, ou pelos elementos de decoração das catedrais românicas, retratando expressões faciais. Foi através do estudo da fisionomia, ciência que pretendeu estabelecer correlações entre as características físicas, nomeadamente do rosto, e os traços psicológicos, que muitos autores se interessaram pelo estudo do rosto. Este interesse também foi revelado por historiadores que, através da iconografia, procuram conhecer melhor os traços de carácter das personalidades históricas (Luzes, 2004).

A emoção e a expressão facial têm despertado interesse na comunidade científica, e conseqüentemente, vão sendo alvo de questões pertinentes e actuais, pelo que foram sendo criadas um conjunto de teorias que procuram esclarecer quanto á emoção e á sua expressão no rosto humano. No que respeita ao seu estudo, temos num primeiro momento a abordagem evolucionista protagonizada por Charles Darwin no final do século XIX, a abordagem orgânica, concretizada por William James em 1890e a abordagem psicanalítica, representada por Sigmund Freud na viragem do século XIX

para o XX, com a terapia psicanalítica e por Bowlby, através da teoria da vinculação (1951). Depois destas abordagens consideradas pioneiras, o estudo da emoção focou-se no cérebro humano, progredindo para uma pesquisa de natureza mais psicológica, a que se associam nomes como Magda Arnold e J.Gasson (1954) e Sylvan Tomkins (1954). Nos últimos anos a preocupação era estudar cada emoção detalhadamente e não a emoção em geral, evidenciando-se nas investigações recentes, a perspectiva desenvolvimentalista (Bowlby, Sroufe, Izard, Malatesta e Camras). Além desta, tem-se dado especial atenção á cognição e vinculação, que favorece os desígnios biológicos e sociais (Teorias Sociais e Etologia; Fridja e a Dimensionalidade; Ekman e a Expressão facial; Teorias clínicas e teorias aplicadas com fundamentos no indivíduo e cultura).

Admitindo, portanto, a universalidade do reconhecimento das emoções básicas na espécie humana, defendida pelas abordagens mais consensuais no estudo da emoção, questionámo-nos se faria sentido ponderar acerca de variáveis capazes de influenciar a acuidade do seu reconhecimento, embora sem prejuízos significativos. A variável considerada é, então, a toxicodependência, ou seja, pensamos ser pertinente reflectirmos acerca da influência que esta tem no reconhecimento de expressões faciais. Contudo, por já sabermos, através da leitura da obra de Freitas Magalhães (2007) *A Psicologia das Emoções: O Fascínio do Rosto Humano*, que as mulheres são mais espontâneas e consistentes do que os homens na percepção das emoções básicas através das expressões faciais, pensámos que seria mais pertinente utilizar apenas indivíduos do sexo feminino. Terão, então, os indivíduos do sexo feminino a mesma capacidade de reconhecimento das emoções quando estão sob o efeito de drogas? Até que ponto a ingestão de drogas não irá influenciar a capacidade destas mulheres nesse domínio?

Enquadramento Conceptual

Definição de Emoção

A emoção sempre existiu de uma forma ou de outra, como parte integrante da existência. Porém, como a abundância de teorias confirma, ela é difícil de definir e de distinguir da não emoção. Mais do que isto, pela sua ubiquidade, ela pode ser abordada em qualquer sentido dentro da Psicologia e em disciplinas relacionadas.

É frequente procurar, na etimologia dos termos, algum esclarecimento quanto ao seu significado. Assim, se atendermos á raiz da palavra emoção verificamos que esta vem do latim *emovere* que significa, abalar, sacudir, deslocar. Esta, por sua vez, deriva de *movi* que significa, estritamente, pôr em movimento. Logo, antes de mais, emoção significa movimento. Assim, não nos podemos esquecer que sem emoção nada avança. Em poucas palavras, a emoção é um estado psicológico, é uma resposta reactiva e automática, ao nível do inconsciente.

Tal como já foi referido anteriormente, uma das principais dificuldades no estudo da emoção deve-se falta de uma definição consensual no âmbito da Psicologia, pois enquanto umas correntes de investigação privilegiam determinados aspectos, outras preferem sublinhar características divergentes, além da frequente sobreposição com outros conceitos. A ambiguidade no significado da emoção envolve ainda dificuldades práticas na sua investigação, na determinação clara do que estudar e no estabelecimento da relação com o comportamento facial. No entanto, apesar de não existir uma concordância acerca do significado do conceito, há alguma consonância em reconhecer que alguns estímulos específicos suscitam emoção, que certas respostas motoras de nível fisiológico e verbal influenciam as emoções, e que das emoções poderão gerar consequências interactivas (Ekman, 1982).

Numa tentativa de sintetizar algumas das definições propostas por vários autores que se dedicaram a esta matéria, poderá dizer-se que: “*as emoções são colecções de respostas reflexas cujo conjunto atingir níveis de elaboração e coordenação extraordinários*” (Damásio, 2004), um sentimento (feeling) das mudanças fisiológicas que ocorrem perante a percepção de um estímulo (W. James, 1884, cit in Oatley, K., Keltner, D. e Jenkins, J.M. (2006), uma reacção psicofisiológica face ás novidades que ocorrem no processo de interacção com o ambiente (Lazarus, 1991, cit in Oatley, K., Keltner, D. e Jenkins, J.M. (2006), modalidades de relação com o ambiente (Fridja e

Mesquita, 1994, cit in Oatley, K., Keltner, D. e Jenkins, J.M (2006), ou ainda “*uma construção psicológica na qual intervêm a componente cognitiva, de activação fisiológica, expressivo motriz, motivacional e subjectiva (...) um estado psicológico, e não um sentimento, uma resposta reactiva e automática, ao nível do inconsciente, perante o perimundo*” (Freitas Magalhães, 2007). Este último autor considera ainda que a emoção está antes da razão: funciona como um sistema de resposta em perfeita coordenação, obedecendo a uma selecção natural, dado que em determinadas circunstâncias, a sua aptidão é melhorada e ajustada, podendo ser modificada pelo indivíduo, com vista a comportamentos mais adaptativos.

O neurologista António Damásio (2004) sugere o que se considera ser uma hipótese abrangente dos estados emocionais, mencionando que uma emoção é um conjunto de respostas químicas e neurais automáticas que formam um padrão distinto, produzido quando o cérebro detecta um objecto cuja presença real ou relembada desencadeia a emoção. O resultado imediato destas respostas é uma alteração temporária do estado do corpo e da condição das estruturas cerebrais que suportam o pensamento, o que a longo prazo corresponde a uma posição mais favorável para o organismo. Tal só é possível porque o cérebro está preparado, pela evolução, para responder a certos estímulos emocionais com repertórios de acção específicos. Esses estímulos não são apenas os prescritos pela filogenia, mas também muitos outros adquiridos pela experiência individual. Ainda de acordo com este autor (Damásio, 2004) em certos casos as emoções são de facto, inteiramente inatas, noutros requerem um grau mínimo de exposição apropriada ao ambiente, sendo a multiplicidade dos componentes e da coordenação exigidas o ponto de corte com outros comportamentos reflexos.

Por seu lado, Paul Ekman, uma dos autores mais importantes nesta área, atribui á emoção as seguintes características: duração limitada, elementos desencadeantes comuns, presença de um sinal distintivo transcultural e de um padrão específico de alteração do sistema nervoso autónomo e periférico, para cada uma das emoções. Este autor diz-nos, também, que existem diversos sinais na expressão emocional e que esta pode ser totalmente inibida, convincentemente simulada e dividida em graus de intensidade que reflectem variações de acção subjectiva. Decorrentes dos estados emocionais formam-se expressões faciais distintas, universais e determinadas filogeneticamente, sendo estas uma das formas de expressão emocional cujo momento específico de exibição traduz os detalhes do mecanismo que lhe subjaz.

No Ocidente, as emoções distinguem-se de outros fenómenos mentais pela rapidez com que ocorrem. Normalmente, o momento em que nos apercebemos do que estamos a sentir acontece meio segundo ou um quarto de segundo depois de a emoção começar e não antes, daí que toda a forma de conhecimento emocional envolva aspectos cognitivos.

Para Goleman (2004) o cérebro não estabelece uma diferenciação clara entre pensamento e emoção, uma vez que todas as regiões do cérebro que desempenham algum papel na emoção estão também relacionadas com aspectos da cognição. Como Davidson demonstrou experimentalmente, os lobos pré-frontais e o sistema límbico permitem-nos associar o pensamento e o sentimento, a partir de uma rede repleta de relações neuronais que ligam os pensamentos e os sentimentos, a cognição e a emoção. Seymour Epstein, (cit in Luzes, 2004) por seu lado, defende que não devem ser feitas comparações entre os dois sistemas psíquicos que são a emoção e a cognição, visto que se tratam de constructos com diferentes níveis de complexidade.

Um outro elemento distintivo é a avaliação automática, influenciada pela história da nossa espécie neste planeta e pela nossa história pessoal. Assim, o que foi útil e adaptativo para a espécie humana, assim como o que foi vantajoso durante o nosso próprio desenvolvimento, determinam a resposta avaliativa. Apesar da avaliação do objecto/situação ser determinante para o estado emocional, muitas vezes as emoções ocorrem sem que possamos fazer qualquer avaliação do objecto que as causa e ainda menos da situação em que esse objecto aparece. As emoções surgem, assim, como um meio natural de avaliar o ambiente que nos rodeia e reagir de forma adaptativa (Damásio, 2004).

O interesse das ciências humanas pela emoção prende-se também ao facto de a sua caracterização não surgir somente a partir de estados internos, mas da interacção do indivíduo com o ambiente e, consequentemente, com os que rodeiam. Mas o que está na origem da emoção? Tomkins diz-nos que devemos considerar dois tipos de estímulos emocionais. Em termos comportamentais ou subjectivos é referido a memória, a imaginação e o pensamento, determinados estímulos específicos, os instintos e por fim os afectos. A nível neurofisiológico é relevante a variação da densidade dos impulsos nervosos que atinge os centros subcorticais (Luzes, 2004). De facto, algumas investigações tendem a mostrar uma relação inversa entre os componentes fisiológicos e expressivos de cada estado emocional: em determinados indivíduos referidos como interiorizantes, a mímica emocional é fraca e as reacções fisiológicas intensas, enquanto

noutros, os exteriorizantes, sucede precisamente o contrário (H. H. Jone, cit in Luzes, 2004).

Assim, poderá dizer-se que a emoção é uma construção psicológica, com uma dimensão física e psíquica, que funciona como resposta a estímulos ou eventos e na qual interagem componentes cognitivos, fisiológicos e subjectivos. Ligada á emoção encontra-se a apreciação cognitiva do estímulo, a preparação orgânica da acção e a comunicação/sinalização. Enquanto mecanismo psicofisiológico, é um estado complexo que inclui experiência consciente, alterações homeostáticas internas e explícitas bem como energia para motivar o organismo, podendo ser apontada como procedência primária da motivação humana. A emoção é, por conseguinte, composta por uma vivência consciente, uma reacção fisiológica e um comportamento expressivo (Freitas Magalhães, 2007).

A filogenia da emoção

A capacidade de sentir e de expressar o que se sente acompanha o Homem desde os primórdios e no qual a história participou, dando-lhe as oportunidades e os instrumentos de que necessitava para se ir afirmando enquanto senhor de si mesmo. Efectivamente, apreciar e responder automaticamente a uma situação é um sucesso notável da biologia (Damásio, 2004) permitido pelos ensinamentos filogenéticos e pelas nossas experiências de vida. O que nos fez chegar até aqui? De que modo terão as emoções contribuído para a continuidade da espécie humana? O seu contributo mais directo parece resultar dos componentes básicos que as constituem, já que são esses os primeiros elementos a garantir a promoção da vida. O genoma garante que todos esses dispositivos estão prontos á nascença ou pouco depois, com uma leve influência da aprendizagem, cujo papel será tanto maior quanto mais complexo for o comportamento a adoptar, na medida em que ajusta os mecanismos a utilizar, definindo também circunstâncias em que devem ser utilizados (Damásio, 2004). Na realidade, apesar de certas emoções terem perdido alguma da sua pertinência no mundo em que vivemos, isso não quer dizer que em fases evolutivas anteriores estas não tenham sido cruciais, pelo que o papel de cada emoção é correlativo do momento actual. Damásio (2004) acrescenta ainda que tanto o contexto em que a emoção ocorre bem como a sua intensidade dependem dos eventuais benefícios. Apesar de tudo, os nossos cérebros continuam preparados para reagir de um modo ancestral, sendo que, em termos

evolutivos, os primeiros mecanismos com que podemos contar foram os de resposta a objectos e circunstâncias, imediata mas estereotipadamente. Mesmo hoje em dia, quando conhecemos alguém, ocorre uma intensa concentração de actividade emocional, explicada pela crescente activação das áreas mais primitivas do cérebro (Freitas-Magalhães, 2007).

Uma outra questão com a qual nos deparamos é saber se a emoção expressa pelos movimentos faciais é inata ou adquirida. As evidências empíricas apontam no sentido da expressão emocional ter um fundo instintivo, pois, ao examinar as expressões emocionais de indivíduos visuais e invisuais desde o nascimento comprova-se que exibem expressões muito semelhantes, o que vem a confirmar o seu carácter inato, embora a riqueza expressiva dos invisuais seja menor, revelando também, deste modo, a influência da aprendizagem. Estas experiências e a comparação com as expressões nos animais ilustram o predomínio das influências hereditárias (Luzes, 2004). Além disso, o facto de se observar o feto a sorrir e a exibição do sorriso por parte dos recém-nascidos e nados cegos, surdos e mudos, atestam o carácter genético dessa forma de expressão emocional (Freitas-Magalhães, 2007). Em paralelo com estes estudos, temos as investigações transculturais, que permitem concluir que há uma compreensão universal das expressões emocionais nas diversas culturas, mas nem sempre foi assim. Defendia-se, no Ocidente que as emoções eram apreendidas e variavam de forma a reflectirem cada cultura.

Esta perspectiva, anteriormente descrita, veio a contrastar com a visão inovadora de Darwin, segundo a qual, várias emoções têm no Homem uma expressão universal, ou seja, são as mesmas independentemente da raça, cultura e nível de instrução. São inatas e não adquiridas, sendo também um mero produto do nosso percurso evolutivo. Para o pai da teoria da evolução, todos nós dispomos de uma gama de expressões complexas cujo significado se imprimiu na nossa mente ao longo do tempo. Ao procurar compreender o significado das expressões no reino animal, questionando-se porque se apresentam de certas formas particulares, Darwin concluiu que as nossas emoções progrediram, que partilhamos algumas delas com os animais e que elas são uma força unificadora para toda a humanidade. Estas ideias estão presentes no seu livro “*A expressão das emoções no Homem e nos animais*”, onde constata a semelhança das reacções mímicas no Homem e nos animais e procura demonstrar que as cambiantes expressivas mais subtis tiveram uma origem natural e um desenvolvimento gradual. Contrariamente ao que se pensava no mundo Ocidental, Darwin defendia que as

emoções não eram exclusivas dos seres humanos. Outra das suas convicções era de que as emoções foram evoluindo ao longo do tempo para que pudéssemos lidar com os aspectos fundamentais da vida, avançando rapidamente, sem ter de ponderar muito, e este seria o derradeiro objectivo das emoções. Para Darwin não existem simplesmente emoções negativas ou positivas, uma vez que cada emoção tem o seu próprio sinal e propósito, o que vem a contrariar a ideia de Freud de que as emoções patogénicas são o medo, a ansiedade, a vergonha ou qualquer variante de emoção desagradável que atingiu determinada intensidade e não tenha sido descarregada através de expressões emocionais adequadas. A investigação de Darwin é caracterizada por três princípios que iremos referir brevemente, a propósito da teoria de James. O primeiro diz respeito à retenção de hábitos associados e úteis que são a própria expressão emocional. De acordo com o segundo, o princípio dos movimentos antitéticos, a expressão emocional exibida seria formada a partir da configuração oposta à emoção em causa, assim, a exibição da expressão *alegria* teria como base movimentos antagónicos aos que estão na origem da expressão *tristeza*. Para este autor, as emoções mais intensas produzem um excesso de energia que se vai evacuar por regiões mais ou menos amplas do organismo, o que explica as alterações vegetativas que ocorrem durante as emoções. Este terceiro princípio, da descarga nervosa difusa, inspirou James e Lange na construção da sua teoria quanto à origem das emoções.

Perante tudo isto resta-nos a seguinte questão: e os animais? Será que eles também têm vida emocional? A existência de emoção nos animais foi uma questão que mereceu a atenção de inúmeros investigadores que estabeleceram a distinção entre movimento expressivo, comportamental e a experiência subjectiva, a que a olho nu chamamos emoção. Segundo estes autores, era incontestável a presença de expressões emocionais nos animais, mas as suas vivências internas permaneciam inacessíveis. Darwin, numa atitude quase irreverente, atribui aos animais experiências emocionais subjectivas e a possibilidade de criar gestos expressivos voluntariamente ou por imitação, com fins comunicativos. Hoje é consensual afirmar-se que nos animais a expressão emocional é utilizada como uma linguagem primitiva. E o reconhecimento desses movimentos expressivos, tornados instintivos, será também imediato? Darwin responde afirmativamente, considerando que nos animais as emoções revelam intenções e estabelecem uma intercomunicação entre indivíduos da mesma espécie ou de espécies diferentes. Admite que o mesmo se passa na espécie humana, pois os movimentos

expressivos *“revelam os nossos pensamentos e intenções aos outros mais verdadeiramente que as palavras, que podem ser falsificadas”*.

Como se processa então o desenvolvimento emocional? De entre as teorias que o procuram explicar temos a perspectiva pluralista ou a abordagem monista representada por Bridges, que considera todas as emoções como resultado do desenvolvimento por diferenciação de uma emoção primitiva – a excitação indiferenciada. Porém a opinião geral é de que o desenvolvimento emocional segue um princípio epigenético, segundo o qual há diferenças qualitativas entre as emoções que vão surgindo gradualmente, de modo relativamente autónomo e obedecendo um plano pré-estabelecido.

Em suma, é importante reter que todos os organismos nascem com dispositivos que resolvem automaticamente, sem qualquer raciocínio prévio, os problemas básicos da vida. Este movimento desenvolve-se por ordem de complexidade, partindo de respostas simples, como a de aproximação ou retraimento, para níveis mais elaborados, com respostas mais sociáveis, como as de cooperação ou competição. Num nível intermédio temos os comportamentos de prazer, de dor, determinadas pulsões e motivações.

As funções da emoção

A literatura especializada sustenta que as funções da emoção podem ser agrupadas em três propósitos: preparação para a acção, preparação da conduta e regulação da interacção. As emoções surgem, deste modo, como um catalisador entre o meio e os nossos comportamentos. Na perspectiva de Freitas Magalhães (2007) as diversas experiências emocionais contribuem para uma aprendizagem emocional preventiva, promovendo a comunicação social. Damásio (2004) refere também que *“quando indivíduos, que eram inteiramente normais, sofrem lesões de regiões cerebrais necessárias para que ocorram certas emoções e sentimentos, perdem a capacidade de governar o seu comportamento na sociedade em que vivem”*, frisando também o papel decisivo que as emoções exercem no comportamento social.

Tanto a emoção como a motivação constituem sistemas que garantem a activação e a manutenção de diversas condutas, com fins solidamente estabelecidos. Assim, no caso da emoção, temos a exploração do ambiente e aquisição de hábitos, o que leva diversos autores, como Tomkins e Izard, que iremos fazer referência, a insistir na familiaridade entre os comportamentos impulsionados por esses dois processos.

Também Freud situa as emoções no conjunto dos sistemas motivacionais, contrariamente a Pribram e Mandler, cujas teorias exploraremos posteriormente, que consideram a emoção e a motivação como pertencentes a categorias psicológicas divergentes, devido à natureza dos estímulos que as desencadeiam. Na perspectiva destes dois últimos autores, a emoção fornece uma avaliação rudimentar das dificuldades do mundo exterior, pois é mais primitiva que o comportamento cognitivo, embora ambos tenham a mesma finalidade.

Como a investigação tende a demonstrar, inerente à vertente comunicacional das emoções está o estabelecimento das bases da vinculação e, conseqüentemente, o processo de clivagem dos objectos. Além das funções primárias, podem-se atribuir às emoções papéis secundários, relacionados com módulos autónomos como as pulsões, as relações interpessoais, o controlo do meio externo e o equilíbrio narcísico. No desenvolvimento precoce, as emoções mostram-se organizadores bipolares, já que a ruptura inicial da vida psíquica é tornada possível, em primeiro lugar, por uma maturação cognitiva e por um processo de aprendizagem, mas mais acentuadamente pelas vivências emocionais. As emoções ligadas à constituição dos objectos internos são emoções básicas que aparecem, especialmente, como resposta a necessidades biológicas (Luzes, 2004).

Numa perspectiva psicoevolutiva, a emoção tem duas funções: comunicar acerca das intenções ou comportamentos prováveis e aumentar as hipóteses de sobrevivência quando se enfrentam situações de emergência, promovendo, assim, a preservação da vida. A comunicação é pois uma das principais funções do comportamento emocional, sinalizada primeiramente por Darwin, um pioneiro no seu estudo.

Também Spitz (cit in Luzes, 2004) assinala três organizadores inatos de natureza emocional, com uma significação comunicativa extremamente importante, estabelecendo uma linguagem antes da fala. Deste modo, a partir dos seus ensaios sobre o desenvolvimento psíquico da criança, Spitz pode concluir que as emoções e as relações interpessoais são, logo no início de vida, fundamentais para o desenvolvimento psicológico e para a socialização. De acordo com este mesmo autor, o início das interacções emocionais entre criança e mãe é marcada pela presença do sorriso do terceiro mês. Este sorriso denuncia uma viragem para o mundo exterior (sensório – perceptivo) e um abandono relativo das sensações endógenas (proprioceptivas e endoceptivas). Se o rosto da mãe e o rosto humano em geral passa a ser percebido pela

criança nesta fase, a mãe ainda não adquiriu ainda as características de um verdadeiro objecto – é um pré-objecto, como designa Spitz. A resposta pelo sorriso não é ainda uma inter-relação de duas pessoas, também não é uma verdadeira emoção, mas podemos chamar-lhe uma pré-emoção. O sorriso que é inicialmente evocado por qualquer rosto humano que se debruce sobre a criança, passará a ser gradualmente dirigido de modo preferencial para a mãe. Quando aparece a chamada angústia do 8º mês, ou angústia perante o estranho, já está implícita uma distinção mais clara entre a representação do próprio e a representação da mãe (representação do self e representação do objecto). Do ponto de vista emocional, a chamada angústia do 8º mês marca o aparecimento de fenómenos depressivos em relação com a perda do objecto. O terceiro organizador psíquico corresponde ao “não” semântico da criança, que reafirma a sua identidade e a possibilidade de se opor, assim como estabelece a primeira expressão de agressividade não-destrutiva.

Definir o papel das emoções nas relações interpessoais constitui um objectivo prioritário para Darwin, seguido depois por várias outras abordagens (ver Strongman, cit in Luzes, 2004), no qual se evidenciou a Psicanálise. Como veremos, Freud e os seus seguidores procuraram mostrar a influência das emoções no desenvolvimento infantil, na estruturação da personalidade, na criação de mecanismos de defesa, nos sonhos e na transferência, apesar muitos dos atributos e funções que lhe deveriam ser reconhecidos, serem erroneamente atribuídos aos instintos (Tomkins e Izard, cit in Luzes, 2004).

Os estados emocionais transmitem-se por diversos meios, sejam eles vocais, visuais, nomeadamente a configuração do rosto, sendo que no princípio de vida, a via privilegiada de expressão emocional corresponde aos contactos físicos directos. Actualmente considera-se que um dos primeiros modos de contacto emocional recíproco da criança com a mãe é obtido através de meios áudio-fónicos. Segundo Wolff (cit in Luzes, 2004) a partir das três semanas de vida a criança é capaz de produzir quatro gritos estrutural e funcionalmente distintos (grito de fome, de cólera, de dor e de frustração), despoletando, na maioria das mães um conhecimento intuitivo da finalidade de cada um deles. Surge, paralelamente, na maioria das mães, um conhecimento intuitivo (emocional) destes diferentes gritos, sendo o principal objectivo das mães obter a cessação do grito. O melhor meio de parar os gritos é a voz da mãe, mais eficiente que qualquer outro som ou que a visão do rosto da mãe. Também segundo Wolff (cit in Luzes, 2004), o grito de desamparo, destinado a chamar a atenção, é diferente de todos os outros, tendo características muito diferentes dos quatro gritos já

mencionados. Assim, enquanto os outros gritos são reflexos, o grito de “desamparo” é a primeira expressão emocional do tipo intencional que encontramos na criança. Também o tacto facilita o estabelecimento da comunicação emocional, como o demonstram Tomkins e Harlow (cit in Luzes, 2004).

Uma possível classificação das emoções

Depois de se ter procurado clarificar o conceito, torna-se agora pertinente classificar as emoções.

A questão de saber quais são as emoções básicas, ou seja, aquelas a partir das quais surgem todas as outras, tem interessado a várias escolas de pensamento e equipas de investigação que se interessam na sua resolução através de estudos interculturais e de estudos comparativos entre diversas espécies (Goleman, 2004).

Tomemos como exemplo a classificação que Damásio (2004) utiliza para o que designa *emoções propriamente ditas*, fazendo uso de três categorias: emoções de fundo, emoções primárias e emoções sociais. As emoções de fundo derivam de complexificação de reacções regulatórias simples, distinguem-se do humor e são o bem-estar ou mal-estar, a calma ou tensão. O diagnóstico das emoções de fundo depende de manifestações subtis tais como o perfil dos movimentos dos membros ou do corpo inteiro – a força desses movimentos, a sua precisão, a sua frequência e amplitude – bem como de expressões faciais. No que respeita á linguagem, aquilo que mais conta para as emoções de fundo não são as palavras nem o seu significado, mas o modo como se desenrola o discurso. As emoções de fundo surgem, para Damásio, como a consequência de pôr em marcha certas combinações de reacções regulatórias simples. As emoções de fundo são manifestações compósitas dessas reacções regulatórias á medida que elas se desenrolam e interceptam momento a momento. Ou seja, o autor encara as emoções de fundo como o resultado imprevisível do desencadear simultâneo de diversos processos regulatórios dentro do nosso organismo. As emoções primárias (ou básicas) são mais fáceis de definir por terem sido, ao longo do estudo da emoção, o objecto privilegiado de pesquisa. O autor enumera a zanga, o medo, o nojo, a surpresa, a tristeza e a felicidade. A facilidade da sua definição reside também na forma como estas emoções são facilmente identificadas em seres humanos das mais diversas culturas e nos animais. As circunstâncias que originam as emoções primárias e os comportamentos que as definem são igualmente consistentes em diversas culturas e

espécies. Damásio postula ainda a existência de emoções secundárias ou sociais que incluem a simpatia, a compaixão, o embaraço, a vergonha, a culpa, o orgulho, o ciúme, a inveja, a gratidão, a admiração, o espanto, a indignação e o desprezo. Para que ocorram, nem sempre é necessário que o estímulo que as desencadeou seja evidente. É possível que a existência de emoções sociais tenha tido um papel importante no desenvolvimento dos mecanismos culturais da organização social. Numerosas acções regulatórias, bem como componentes das emoções primárias em diversas combinações fazem parte das emoções sociais.

Paul Ekman, a quem se reconhece o devido valor no estudo do comportamento emocional, sustenta a sua perspectiva a partir de pressupostos, que ao longo de vários anos de pesquisa foi construindo, e nas quais se baseia para afirmar a existência de dez emoções básicas e universais que se mantêm ao longo da vida: ira, medo, tristeza, repugnância, desprezo, surpresa, alegria/satisfação, embaraço, culpa e vergonha. Para este autor, cada uma destes termos representa um conjunto de emoções e não apenas uma emoção isolada (Goleman, 2004). A premissa primordial subjacente a esta classificação é de que no modelo evolucionário de Darwin, as emoções básicas são semelhantes em primatas – tais características apontam no sentido da existência de uma configuração genética milenar. É de salientar ainda que cada emoção provoca uma gama de alterações psicofisiológicas específicas. Ekman acrescenta a verificação da denominada harmonia reactiva e espontânea e que a intensidade e o ritmo do processamento dos estados emocionais é diferente dos ocorridos noutros estados afectivos, sendo que a sua duração é limitada, apesar da vivência subjectiva perdurar no tempo. Outro aspecto importante é que as emoções básicas são pré-determinadas pela psicofisiologia, sem que haja controlo voluntário, embora ocorra uma percepção do processamento por parte do indivíduo. Por último, Ekman refere que a universalidade das variáveis desencadeantes e moderadoras é um critério que levanta reservas devido aos estigmas culturais.

Pedro Luzes (2004), por seu lado, apresenta uma tabela inspirada na Grelha de Bion para os pensamentos, dedicando-se á classificação dos estados afectivos. Importa antes esclarecer que, de acordo com este autor, o prazer e o desprazer são elementos presentes em todas as emoções, sem que sejam verdadeiras emoções, uma vez que não dispõem de componentes comportamentais e fisiológicos, o que contraria a posição de Damásio que os considera emoções de fundo.

Assim, temos emoções primárias, positivas ou negativas, tais como foram definidas por Tomkins e Izard, enquanto características da espécie humana transmitidas hereditariamente. As reacções que lhe estão associadas têm um padrão visceral, de mímica facial ou de vivência psíquica que é característico de cada uma delas. As emoções primárias são pré-programadas, ou seja, os estímulos que as despoletam são detectados ao nível do sistema límbico do cérebro e, depois, projectados para diferentes partes do corpo, procurando um equilíbrio funcional. Com o desenvolvimento e a aprendizagem subsequente, as emoções primárias deixam de ser desencadeadas unicamente por estímulos específicos, e passam também a ser induzidas indirectamente por elementos mais subtils, como a memória. Ao conjunto de estímulos capazes de despertar emoção, Damásio designa *estímulos emocionais competentes*. Há nas emoções primárias importantes mecanismos de retroacção (feedback) que maximizam o que é sentido a nível central, intensificando-o. O autor considera ainda a existência de emoções complexas, dando como exemplo os sentimentos, resultantes de uma fusão de emoções primárias ou da transformação de uma emoção de base sob a influência dos mecanismos de defesa do Eu, referindo que estas, ao contrário das emoções primárias, são ilimitadas. Inerente aos estados emocionais, considera-se, igualmente, a presença de cenários, que embora não se considerem uma categoria de emoções, desempenham um papel importante na génese das emoções complexas, criando sequências e relatos, evitando a repetição estereotipada dos comportamentos. Os cenários são descritos como representações pictóricas que integram a experiência emocional fixada a partir de imagens vindas dos sistemas interoceptivos e exteroceptivos. Os estados psicossomáticos traduzem emoções que foram conservadas como memória ao nível do corpo, sendo que a dificuldade em comunicar os componentes subjectivos das emoções impossibilita a regulação e modulação das emoções e deixa o organismo vulnerável (Luzes, 2004).

Teorias e contributos para o estudo da emoção

De acordo com Freitas-Magalhães (2007), apesar da multiplicidade de abordagens, as teorias mais consensuais no estudo da emoção são representadas por Ekman, Izard, Mandler, Panksepp e Plutchik que catalogam onze emoções básicas: alegria, interesse, excitação, surpresa, tristeza, cólera, desgosto, desprezo, medo,

vergonha e culpa. Iremos, de seguida, fazer uma breve esquematização das principais teorias e seus autores.

O ponto de vista neo-darwinismo baseia-se na observação directa ou através de técnicas de recolha de imagem, procurando um paralelismo entre o comportamento humano e animal. A par com os modelos de McDougall, Canon, Duffy, James e Lange, a proposta de Darwin insere-se nas chamadas Teorias Primitivas da emoção. Ao estudar, de forma inovadora, a biologia comportamental, Darwin veio a alertar para a universalidade das expressões faciais nos homens e nos animais, defendendo que, em termos evolutivos, os movimentos dos músculos faciais se anteciparam aos sentimentos, pois são aqueles movimentos que conferem a expressão física adequada aos acontecimentos psíquicos *. Contrariamente a Freud, refere que todas as emoções podem ser positivas ou negativas e que foram sendo transformadas de acordo com os desafios que nos iam surgindo ao longo da evolução. Esta perspectiva tem semelhanças com as Teorias Ecológicas e de Inspiração Inatistas (Eibl-Eibesfeldt). Próximas deste grupo estão as Teorias de natureza fisiológicas, a que se associam autores como Panksepp, Scherer e Plutchik, representante da Teoria Psicoevolutiva, J. P. Scott, ligado às teorias funcionalistas e Weinrich, adepto da Perspectiva Sociobiológica.

Os princípios darwinianos seriam posteriormente recuperados por James que, em conjunto com Lange, constrói uma teoria em que a vivência emocional é resultado de determinadas alterações somáticas provocadas por estímulos exógenos. Deste modo, o comportamento resultaria totalmente a partir da emoção. A especificidade da teoria de James e Lange consiste, porém, assegurar que os estímulos, uma vez percebidos, são imediatamente transmitidos aos órgãos viscerais e músculos, cujas modificações difusas, ao chegarem novamente ao cérebro, geram o feedback do qual nasce a emoção. Esta assumirá diversas tonalidades, consoante os órgãos envolvidos e em que proporção. A doutrina que Lange constrói em nome próprio, evocando também um feedback periférico, é descrita por Luzes (2004) como mais limitada que a de James, já que considera como estímulos somente reflexos vaso-motores, anemias e outros fenómenos da mesma natureza.

Referíamos há pouco que James havia colhido inspiração nos princípios de Darwin, pois os reflexos originados no cérebro que relata são muito idênticos aos hábitos presentes no primeiro princípio darwinismo. No entanto, o terceiro princípio, da descarga nervosa difusa, que poderia apoiar o pensamento de James, é por ele estranhamente excluído, assim como o segundo princípio, dos movimentos antitéticos.

Se nem todas as percepções provocam reacções emocionais, o que as distingue? James nunca mencionou a intensidade dos estímulos, sendo que essa é uma resposta que permanecerá incógnita na sua teoria. Eventualmente, procura explicação num mecanismo de associação de ideias ou na semelhança de certas percepções, indicando, inclusivamente, que “*muitas das nossas mais expressivas reacções sobre problemas morais são movimentos gustatórios simbólicos*” (James, cit in Luzes, 2004), o que contesta a ideia da percepção inicialmente neutra, sem qualificações qualitativas ou quantitativas. De acordo com Luzes (2004) fica também por explicar o modo como os estímulos perceptivos se vão fazer sentir ao nível do organismo em geral. Cannon adere às críticas de Luzes feitas a James, contrariando a sua hipótese, ao afirmar que a indução artificial de alterações viscerais, a que geralmente se atribui a emergência das emoções, não as provoca, e que a separação total entre as vísceras e o sistema nervoso não modifica o comportamento emotivo. Para Cannon as mesmas modificações viscerais ocorrem em emoções distintas e em estado semi-emocionais, sendo que as vísceras, relativamente insensíveis, tendem a responder mais lentamente e com maiores períodos de latência, o que não se adequa ao rápido desencadear das emoções. No modelo que constrói com Bard, o mesmo centro nervoso, o tálamo, surge como responsável pela activação emocional e fisiológica.

Vários autores como Mandler e Schachter desaprovam a posição dos críticos de James, lembrando que as alterações viscerais são uma condição necessária, mas não suficiente, para a produção de emoções. Pribam torna-o ainda mais evidente ao explicar que não é indispensável que a pele e as vísceras sejam afectadas, bastando que as representações neuronais e sobretudo corticais das funções corporais sejam alteradas. O objecto simplesmente apreendido dava assim lugar ao objecto emocionalmente sentido.

Como podemos ler na obra de Freitas-Magalhães (2007) para Schachter e Singer, a activação fisiológica não tem uma explicação unitária e a interpretação dos estados emocionais está sujeita a uma avaliação do contexto, com base numa comparação. A emoção seria, assim, um estado de activação fisiológica que ocorre cognitivamente e no qual a activação é interpretada. A sua Teoria da Atribuição da Activação sintetiza as que lhe precedem, abrindo caminho às abordagens contemporâneas da emoção em que se prevê uma correspondência entre a activação fisiológica e a reacção emocional, individual e contextual, com maior incidência para as emoções individuais. Schachter converte a emoção numa activação do sistema nervoso

central, classificada de acordo com o contexto social ou com as informações fornecidas durante a sua formação.

Numa primeira versão da sua teoria, apresentada em 1895, Freud situa a emoção no sistema homeostático, pela sua ligação com os estímulos endógenos provenientes dos órgãos somáticos. Durante os seus estudos sobre a histeria, responsabiliza as emoções pelo desenvolvimento de neuroses, explicando que podem actuar como traumatismos, quando permanecem por concretizar. No virar do século, a teoria de emoção de Freud vai sofrer alterações que a tornam menos consistentes e clara (Luzes, 2004), isto porque as emoções passam a ser dimensionadas como a fracção energética dos impulsos, deixada livre após a acção do recalçamento sobre o aspecto representativo da necessidade instintiva. Ou seja, os afectos são descritos como cargas de energia que não podem ser ligadas á ideia de um objecto. A partir de várias observações que fez durante a sua prática clínica, Freud compreende que na origem das neuroses nem sempre estava um traumatismo emocional real, o que leva a substituir a entidade patogénica emoção, provocada por acontecimentos exteriores, por fantasias ou desejos de origem intrínseca, embora com tanto impacto como as emoções recalçadas (Luzes, 2004). Pouco depois, Freud operacionaliza os conceitos instintos e emoções, distinguindo-os de outros com que facilmente se poderiam confundir, dada a falta de exactidão com que a eles se recorria. Todavia, a dúvida quanto á natureza do instinto prolongou-se consideravelmente. As emoções sempre ocuparam um lugar de destaque na obra de Freud, contudo, do ponto de vista teórico, as referências foram-se tornando cada vez mais raras e menos esclarecedoras.

Depois de Freud, vários autores como Brierly, Melanie Klein e Fairbairn salientam que, mais do que simples derivados dos instintos, as emoções são resquícios de uma sensibilidade primitiva que já deu provas em termos evolutivos. McDougall, no seguimento do pensamento freudiano, propõe que se equacione a emoção como o elemento subjectivo dos impulsos instintivos e que, para além de emoções simples, se considerem emoções derivadas, ligadas a objectos em torno dos quais se constituem as emoções complexas. A vinculação do sistema emotivo com o sistema homeostático dos impulsos e instintos é desvendada nas teorias de Freud e McDougall, tal como podemos ver. Partindo da mesma ideia, Izard, autor da chamada Teoria Diferencial, sugere que a categoria dos afectos seja constituída simultaneamente pelas emoções e impulsos, ficando estes reduzidos a variantes das emoções. Contudo, eram frequentemente reiteradas algumas limitações a estes modelos, com base nas emoções desencadeadas

pelos sistemas perceptivo e cognitivo, que escapavam às suas explicações donde, para corrigir as suas insuficiências, foram propostas as Teorias Cognitivistas de Arnold, Lazarus, Averill e Mandler, que Freitas-Magalhães (2007) enquadra nas Teorias Ambiciosas da emoção, assim como Izard, como é referido em Luzes (2004), está associado á linha de pensamento anterior.

Embora trabalhando conjuntamente com Lazarus, Averill estabelece as bases de uma teorização em nome individual, próxima da de Schachter com especial lugar para as convenções, os ritos e a racionalização social que envolvem as emoções e que orientam a sua formação. Lazarus torna a avaliação mais complexa, com a intervenção de vários sistemas de feedback: primários, secundários e culturais, mais circunstanciais do que as respostas cognitivas invocadas por exemplo por Arnold, que faz equivaler as emoções a avaliações rápidas das circunstâncias ambientais. Os processos mais elaborados de avaliação seriam, pelo contrário, de natureza emocional. Para Pribam, que tal como Mandler considera que a emoção surge apenas na sequência da interrupção de um comportamento orientado para um dado fim, o tipo de reacção emotiva depende da avaliação que o sujeito faz da situação total. Estes autores mencionados a propósito da relação entre emoção e os sistemas motivacionais, convergem na conceptualização que fazem da emoção, colocando-a antes da cognição, e não como reflexo ou pré-condição da motivação. Segundo Mandler, ao suspender-se o procedimento que traria a recompensa, gera-se um estado de frustração capaz de originar automaticamente uma condição de activação que, na ausência da conclusão desejada ou de uma substituição, se traduz em diversas reacções emocionais. Pribam, retomando a mesma ideia, fala num bloqueio á execução de planos motivacionais que orientam os organismos, do qual resultam a emoção. Luzes (2004) critica estas teorias, apontando a sua parcialidade: “*não estão de acordo com os factos empíricos (...) favoráveis a uma activação de todo o sistema motivacional através das emoções*” (Luzes, 2004).

Para Tomkins numa relação inversa á definida por Freud e McDougall, a emoção actua como amplificador dos impulsos, atenuando-os ou inibindo-os. Por isso que na sua teoria, apelidada por isso mesmo de Teoria da Amplificação, o sistema emocional seja ele mesmo o sistema motivador primário. Tomkins, cujas perspectivas são recuperadas por Ekman e Izard, refere ainda que, da mesma forma que os instintos dispõem de mecanismos reguladores (Tinbergen e Hinde, cit in Luzes, 2004), também as emoções encontram suporte em mecanismos neuronais inatos que controlam programas afectivos em circuito fechado. As respostas provenientes dos centros

subcorticais responsáveis por tais mecanismos vão influenciar, para além das glândulas endócrinas, os músculos, incluindo os da face e das vísceras. Assim como é estipulado na hipótese de James a que nos referimos há pouco, as respostas víscero-motoras repercutem-se também, segundo Tomkins, num feedback capaz de afectar os centros subcorticais e intensificar a experiência emocional de forma mais ou menos consciente, sendo que para este autor, os movimentos de retroacção com maior impacto são os dos músculos faciais, apesar de considerar outros movimentos secundários. A fim de aprofundar o seu conhecimento acerca destes músculos, a que atribui particular importância, Tomkins retoma os estudos de Duchenne, a que Darwin já havia recolhido na recolha de observações e material de pesquisa. Numa revisão da sua teoria, em 1962, a sua intenção de retomar a hipótese darwiniana sobre a expressão facial das emoções é reforçada, no entanto, ao contrário do próprio Darwin, Tomkins afirma que a emoção havia surgido ao mesmo tempo que os movimentos expressivos por variações espontâneas de comportamentos herdados, acrescentando que o feedback periférico a que lhe dá origem não é absolutamente indispensável podendo, no seu lugar, estar imagens oriundas da memória. Assim, do mesmo modo que certas impressões emocionalmente significativas podem retirar, no contacto com recordações anteriores, o feedback necessário para produzir o seu efeito central, também a recordação dessas emoções, pela sua grande intensidade, pode aliviar uma emoção mais recente. Na década de 80, Tomkins destaca a importância da pele do rosto e da voz, para além dos músculos faciais, enquanto amplificadores das emoções, exemplificando com as carícias e os efeitos negativos obtidos pela estimulação dolorosa dessa superfície. Quanto á voz, Tomkins considera que todas as culturas procuraram suprimir a livre vocalização. O último aspecto a reter da sua teoria diz respeito aos activadores emocionais que, como vimos no tópico da definição da emoção, podem ser agrupados em estímulos comportamentais ou subjectivos e neurofisiológicos (Luzes, 2004).

Mais recentemente, inspirado em Tomkins, Luzes (2004), também fazendo parte da família psicanalítica, considera a existência de uma ligação entre emoções, órgãos efectivos periféricos e zonas erógenas, definidas por si como centros capazes de moldar as respostas emocionais, mais que as respostas instintivas. A sua formulação pressupõe que as zonas erógenas, enquanto locais de interacção entre o indivíduo e o meio social, desencadeiam satisfações ou frustrações com tonalidade emocional e que a personalidade é afectada por estas transformações emocionais.

Numa linha mais fenomenológica encontramos Buytedijk, Hillman, Sartre, Lazarus, Averill, Mandler (Luzes, 2004), a que Freitas-Magalhães (2007) acrescenta Shumpf, Rapaport e Denzin, todos eles privilegiando a dimensão cognitiva do desempenho emocional, postura ainda mais vincadamente assumida pelos defensores das teorias propriamente cognitivas da emoção, como Leventhal, Bower e Fridja. As Teorias Comportamentais distinguem-se das anteriores, pois relegam para segundo plano os aspectos subjectivos, cognitivos ou interpessoais antes realçados. Os seus principais representantes são: Watson, Harlow, Staner, Gray, Staats, Eifert (Freitas-Magalhães, 2007).

Os contributos da Psicologia Experimental para o estudo da emoção também merecem ser reconhecidos, pois ao clarificar as relações entre avaliação cognitiva (primária e secundária) e emoção, esclareceu a transferência da activação emocional, dando origem às abordagens Discretas e Dimensionais da emoção.

Privilegiaremos a perspectiva de Ekman e Friesen, por se aproximarem dos objectivos inicialmente propostos. Ao estabelecerem uma correspondência entre estados emocionais e expressões faciais, estes autores permitiram a tradução dos primeiros em algo facilmente identificável, através do instrumento criado por si na década de 70, o FACS Emotion Dictionary. A Teoria Social da emoção concebe a emoção como um fenómeno social. Trata-se da Teoria Neurocultural da expressão emocional de Ekman, segundo a qual todos nós dispomos de um conjunto de emoções inatas que podem ser objecto de modificação, através da aprendizagem de regras expostas (Freitas-Magalhães, 2007). De acordo com esta teoria, a semelhança na expressão das emoções básicas nas diversas culturas radica num programa de expressão facial que, que ao garantir a activação de um conjunto de impulsos nervosos, permite que o rosto apresente a expressão adequada. Um dos princípios basilares do trabalho de Ekman prende-se, assim, com a existência de padrões de mudança da expressão facial e da fisiologia que ocorrem devido às regras de exposição, linhas básicas que orientam e adequam a expressão não-verbal das emoções e que variam de cultura para cultura, por contraponto às próprias emoções que exibem (Freitas-Magalhães, 2007). Estas regras, definidas como procedimentos apreendidos numa fase precoce da vida para o manejo das manifestações emocionais, prescrevem o que fazer nos diversos contextos, adequando-se ao papel social e às características demográficas de cada população (Ekman, 1969). A fim de enquadrar a abordagem proposta, consideremos sobre as hipóteses teóricas que orientam as considerações de Ekman e que, ao longo dos anos,

foi construindo com base nos resultados das suas investigações: a primeira consiste na lateralização, segundo a qual a emoção positiva é mediada pelo hemisfério esquerdo do córtex e a emoção negativa pelo direito; segue-se a eferência, através da qual se criam as diversas expressões envolvendo os músculos do rosto e, e este mecanismo sugere ainda que a emoção que acompanha a aproximação é mediada pelo hemisfério esquerdo, enquanto a emoção que acompanha o afastamento é mediada pelo hemisfério direito; e finalmente o feedback facial (proprioceptivo, cutâneo ou vascular das expressões faciais que influenciam a expressão emocional (Joyce-Moniz, cit in Freitas-Magalhães, 2007). O feedback ou cria ou influencia a acção), que nos diz que as expressões faciais não só reflectem a experiência emocional do indivíduo, como também determinam como estes mesmos indivíduos experimentam e rotulam as emoções (Capella, cit in Freitas-Magalhães, 2007). Procurando dar a conhecer um pouco mais do pensamento de Ekman, podemos dizer que parte da concepção de que as emoções evoluíram no sentido de gerir as actividades fundamentais da vida, tornando-se adaptativa desde que haja um padrão distinto para cada uma.

Neurofisiologia das emoções

Uma das características mais visíveis dos estados emocionais é a sua expressão corporal, a concretização física de alterações ao nível dos estados mentais superiores. Esta dimensão neurofisiológica das emoções foi alvo de grande interesse por parte da comunidade científica, cujas prioridades têm passado por identificar, reconhecer e catalogar as áreas e mecanismos cerebrais responsáveis pela emissão e recepção dos impulsos emocionais, assim como estudar a influência da testosterona e da primeira impressão.

Tal como verificamos no tópico anterior, a evolução foi exigindo ao homem aperfeiçoamentos graduais que o foram aproximando daquilo que é hoje. Essas mudanças também se fizeram sentir, inevitavelmente, na vivência e na expressão emocional. Para que isto fosse possível o suporte cerebral teve de ser alterado e segundo Turner (2000) podemos considerar três tipos de alterações neurológicas significativas: em primeiro lugar, os seres humanos revelam mais assimetrias em parcelas significativas do neocórtex, o que faz com que as funções dos hemisférios sejam mais diferenciadas (Badshaw e Nettleton, 1984; Needham, 1982; Sperry, 1982, cit in Turner,

2000) e que o potencial cognitivo seja maior sem que se expanda o volume dessa estrutura. A ligação através do corpo caloso entre os hemisférios encontra-se prolongada, o que se relaciona com o fraccionamento das funcionalidades cerebrais (Bogen e Bogen, 1969; Eccles, 1989, cit in Turner, 2000). Ainda nesta primeira linha de mudanças, verifica-se uma maior parte de especialização nas áreas dedicadas à produção da linguagem (área de Broca) e da compreensão (área de Wernicke), bem como do reconhecimento de padrões – lado direito, integrado com o reconhecimento temporal – lado esquerdo. Noutro grupo de alterações temos que o aumento das regiões do cérebro é mais acentuado no lobo frontal, especialmente nas funções cognitivas mais elaboradas e no córtex pré-frontal, a estrutura particularmente interveniente nas respostas emocionais, no pensamento, planeamento e tomada de decisões (Damásio, 1994, cit in Turner, 2000). O sector que envolve os sistemas límbicos antigos nas regiões subcorticais simétricas do cérebro, também se desenvolveu, mas não tanto como os elementos neocorticais. O mesmo autor (Turner, 2000) considera a participação de quatro sistemas por ele designados “emocionais corporais”, na vivência emocional. São eles o sistema nervoso autónomo, o conjunto dos neurotransmissores e péptidos neuroactivos, o sistema endócrino e o sistema músculo-esquelético, que se destaca através do tálamo, responsável pela conversão dos dados provenientes de outros sistemas límbicos em contracções de músculos estriados, os quais controlam as estruturas esqueléticas que ditam os movimentos corporais. É a activação destes sistemas que se deve a tonalidade emocional da consciência (Damásio, 1994; Le Doux, 1996, cit in Turner, 2000).

São evidentes as alterações orgânicas que o nosso organismo manifesta quando ocorre uma emoção. Devem-se em grande parte, à percepção consciente dessa mesma vivência, resultante dos movimentos subcorticais muito mais primários em termos evolutivos, provenientes dos sistemas corporais. A consciência do que estamos a sentir é fornecida, no decurso da interacção social, durante emissões recíprocas de sinais que estimulam respostas do sistema límbico. Contudo, a experiência emocional não será integrada racionalmente se permanecer subcortical e apenas percebida por outros indivíduos, devido à acção das regiões subcorticais do sistema nervoso autónomo que comunicam os estados emocionais e preparam o organismo para a execução de respostas automáticas. O córtex cerebral, por sua vez, cria uma resposta cognitiva consciente à informação periférica dos sentidos, compatível com as expectativas do indivíduo e do seu contexto social. Assim, muito antes de uma pessoa reconhecer uma

emoção em si mesmo, os outros já são capazes de o fazer, observando as emoções subjacentes expressas subcorticalmente pelos sistemas corporais, que apenas surgem na consciência sob a forma de sentimento. Contudo, os indivíduos podem estar literalmente inconscientes das emoções que estão a ser despoletadas pelos seus quatro sistemas corporais interligados (Le Doux, 1996, cit in Turner, 2000), sendo ao sistema de memória emocional que cabe assegurar que muitos dos sinais emitidos por uma pessoa e lidos ou interpretados pelos outros, permanecerão removidos do seu pensamento (Bower e Meichenbaum, 1984, cit in Turner, 2000). A consciência de um estímulo envolve, portanto, uma entrada de dados pela via dos sentidos que depois se dirige para uma área sensorial especializada do tálamo. A partir daí, a entrada de dados sensoriais é encaminhada para os sistemas límbicos subcorticais e para o lobo apropriado do neocórtex (Le Doux, 1996, cit in Turner, 2000).

Os seres humanos ao contrário da maior parte dos mamíferos, basicamente olfactivos, são predominantemente visuais (Forbes e King, 1982, cit in Turner, 2000) já que os córtices associativos, no ponto em que se encontram e convergem os lobos cerebrais, á excepção do pré-frontal, envolvem a integração de informação sensorial sob o domínio da visão (Geschwind, 1965, cit in Turner, 2000). Tal acontece devido á acção da selecção natural sobre os nossos antepassados hominídeos, visando um ser capaz de formar laços baseados na capacidade de sentir emocionalmente, através da categoria visual dos sentidos. A identificação das emoções surge, deste modo, subcortical e inconsciente, mas preferencialmente não verbal (Turner, 2000). Especifica dos seres humanos é a capacidade de manter colectâneas de memórias emocionais no exterior do neocórtex, enquanto nos animais estas memórias permanecem no sistema límbico. Já em meados do século passado, Cannon e Bard alertam para a dupla função das estruturas subcorticais, que ao fornecerem os comandos orgânicos das respostas emocionais e as informações necessárias para a consciência das emoções no córtex, se tornam mediadoras entre o comportamento emocional e os restantes elementos corporais. Mais recentemente, com António Damásio e Stanley Schachter, o comportamento emocional surge como interacção entre o córtex cerebral, as estruturas subcorticais e a periferia orgânica (Ballone, 2002). Damásio (2004) esclarece ainda que *“para levar á criação de um estado emocional, a actividade das regiões desencadeantes precisa de ser propagada aos locais de execução por meio de conexões neurais”*, apontando como executores supremos dos comportamentos que definem as emoções os

núcleos do prosencéfalo e do hipotálamo, alguns do segmento do tronco cerebral e os núcleos do tronco cerebral que controlam os movimentos do rosto e da voz.

As estruturas orgânicas participantes no comportamento emocional não são, como sistematicamente se depreende, isentas de acção do meio exterior e têm uma base química a nível cerebral, pelo que “*a experimentação de emoções intensas em alturas críticas numa fase inicial da vida pode gerar e originar alterações físico-químicas no cérebro*” (Mlot, 1998, cit in Turner, 2000). Está igualmente comprovado que o ambiente emocional em que somos educados e a experiência repetida influenciam o correcto funcionamento dos lobos frontais, da amígdala e do hipocampo.

Aprofundando agora a neuropsicofisiologia das emoções, constata-se que áreas relacionadas com os processos emocionais não se localizam numa área exclusiva do cérebro, como acontece em todos os comportamentos complexos, em que são recrutadas diversas fracções cerebrais em permanente interacção. No que respeita às emoções, destacam-se a superfície pré-frontal e o sistema límbico, sendo este último merecedor de uma discussão mais detalhada por ser o “coração” que as controla (expressão próxima de Damásio, 2004), surgindo na escala filogenética a partir dos mamíferos mais antigos.

A designação de sistema límbico provém das observações de Paul Broca, que em 1878, descobre na superfície mediana do cérebro dos mamíferos, uma região constituída por núcleos de células que formam uma massa acinzentada, os neurónios, a que decidiu chamar *lobo límbico*, retomando da origem latina do termo a ideia de circularidade com que este sistema contorna o tronco encefálico. É esta unidade que através do sistema nervoso autónomo, comanda certos comportamentos necessários á sobrevivência, interferindo no funcionamento visceral e na regulamentação metabólica de todo o organismo, assim como na gestão da expressão emocional e dos estereótipos comportamentais derivados, pela acção do circuito de Papez, mais concretamente, do hipotálamo. Este sistema é também responsável por alguns aspectos da identidade pessoal e por relevantes funções da memória (Goleman, 2004).

Depois de descrevermos a importância do sistema límbico, vamos agora debruçar sobre os seus principais componentes. De forma sucinta a amígdala, o hipocampo, o tálamo e o hipotálamo, o giro cingulado, o tronco cerebral, a área tegmental ventral e o septo constituem o sistema límbico, cada um deles com a sua função.

A amígdala representa um nó de contacto entre os sinais cerebrais e tem um papel fundamental nos circuitos eléctricos que estimulam as emoções, mostrando-se particularmente activa na vivência de emoções negativas. Em termos experimentais, está demonstrado que a sua estimulação eléctrica em animais provoca episódios de extrema agressividade. A sua destruição, por outro lado, gera docilidade, desorientação sexual, indiferença ao risco e descaracterização afectiva. Em humanos, a lesão dessa estrutura faz com que o individuo perca o sentido afectivo da percepção de uma informação vinda de fora, como a visão de uma pessoa conhecida. Apesar de reconhecer a pessoa, não sabe se gosta ou não dela. De facto, os estudos conduzidos nos últimos anos no campo da neurociência mostram que a amígdala está presente no reconhecimento da sensação suscitada por uma face. Alguém com esta estrutura afectada, não reage á visão de um rosto aterrorizado e é incapaz de reconhecer expressões em que a felicidade e surpresa se confundem. Localizada na profundidade dos lobos temporais anteriores, esta estrutura funciona em estreita relação com o hipotálamo, surgindo como interface entre estímulos visuais e auditivos e o precipitar das emoções, especialmente da raiva e do medo, a que se atribui a sua detecção e produção, mesmo quando não estamos conscientes do estímulo ameaçador. A amígdala é, por conseguinte, o centro de identificação do perigo, que leva á resposta de luta ou de fuga.

O tálamo veicula a informação sensorial. A importância dos seus núcleos na regulação do comportamento emocional decorre, provavelmente, não de uma actividade própria, mas das conexões com outras estruturas do sistema límbico, já que os núcleos anteriores se ligam aos corpos mamilares no hipotálamo e através destes, via fórnix, com o hipocampo e ao giro cingulado. O núcleo dorso-medial faz fronteira com as estruturas corticais da área pré-frontal e com o hipotálamo, e é ao dorso medial e aos núcleos anteriores que se atribui maior envolvimento nas reacções de natureza emocional.

O hipotálamo surge como o executor de diversas respostas químicas directamente ou através da glândula pituitária, libertando na corrente sanguínea moléculas que alteram o meio interno, a função das vísceras e a função do sistema nervoso central. A sua função estabilizadora do sistema endócrino e das funções vegetativas do encéfalo, assim como o processamento de dados necessários ao equilíbrio do meio interno a que procede através da hipófise, levam Cannon a considerar o hipotálamo uma peça fundamental na homeostasia do organismo (Ballone, 2002) de

onde decorrem todos os outros comportamentos. Comunicando com todos os níveis do sistema límbico, o hipotálamo desempenha ainda um importante papel na regulação das emoções. As suas porções laterais relacionam-se com o prazer e a raiva, enquanto a região mediana surge ligada á aversão, ao desprazer e á incontrolabilidade do riso.

O hipocampo, por sua vez, relaciona-se com os fenómenos da memória a longo prazo, pelo que a sua destruição impossibilita registos mnésicos. A sua utilidade reside no reconhecimento do contexto que se traduz no desempenho de comportamentos adaptativos. Em termos evolutivos, a sua contribuição é indiscutível, já que foi permitindo a escolha da melhor opção a ser tomada com vista á sobrevivência com base na comparação das condições actuais com experiências passadas.

Na zona intermédia do cérebro, entre o sulco cingulado e o corpo caloso que liga os hemisférios cerebrais, temos o giro cingulado, a circunvalação responsável pela reacção emocional á dor. Além desta função, o seu papel na regulação do comportamento agressivo fica a descoberto no comportamento dos animais selvagens que, uma vez submetidos á sua ablação (cingulectomia), ficam completamente domesticados. Á porção frontal do giro cingulado cabe igualmente a coordenação de dados provenientes do olfacto e da visão, a que se associam memórias agradáveis. Interrompendo a comunicação neural do circuito de Papez, manipulando a secção de um feixe do giro cingulado reduz-se o nível de depressão e ansiedade.

Um dos sistemas límbicos mais primitivos é o tronco cerebral, uma colecção de pequenos núcleos e feixes de fibras nervosas colocadas entre o diencéfalo e a espinal-medula (Damásio, 2004), quase na sua totalidade intracraniano, a que se reconhecem três porções: o bolbo raquidiano, a ponte (protuberância) e o mesencéfalo. Composta pela formação reticular e por uma massa de neurónios secretores da norepinefrina (o locus cerelus), é esta a estrutura responsável pelas reacções emocionais de vertebrados inferiores, como reptéis e anfíbios, respostas reflexas que permanecem, ainda que de forma residual, mesmo nos comportamentos humanos, participando não só nos mecanismos de alerta, mas também na regulação do ciclo de vigília e do metabolismo, essenciais para a manutenção da vida. A lesão dos núcleos da parte superior e posterior do tronco encefálico leva á perda de consciência e ao coma.

A área tegmental ventral corresponde a um grupo de neurónios localizados numa parte do tronco cerebral. A descarga espontânea ou a estimulação eléctrica da região dopaminérgica mesolímbica produzem sensações de prazer, algumas delas similares ao orgasmo. Indivíduos que por defeito genético, apresentam reduzidos o número de

receptores das células neurais dessa área, têm uma grande dificuldade em alcançar a satisfação.

Para além do sistema límbico, vimos que a área pré-frontal do córtex, correspondente a parte anterior não motora do lobo frontal, mais moderna em termos evolutivos, é igualmente indispensável na concretização das emoções. Aliás, o córtex cerebral tem a faculdade de criar comportamentos adaptativos ao consciencializar-se destes fenómenos. Apesar de não integrar o circuito tradicional, as suas intensas conexões com o sistema límbico e com o núcleo dorsomedial do tálamo, explicam o importante papel que a região pré-frontal (dorsolateral, orbitofrontal, ventromedial) desempenha na expressão dos estados afectivos, sendo mesmo apontado por Damásio (1994, cit in Turner, 2000) como a estrutura central que recebe dados dos quatro sistemas corporais, das estruturas límbicas, do hipocampo, dos córtices sensoriais, dos córtices associativos e das áreas motoras. Goleman (2004) partilha a mesma convicção, considerando os lobos frontais como o centro executivo do cérebro, responsáveis pela regulação das emoções. A função associativa mais importante do lobo pré-frontal parece ser, efectivamente, integrar informações sensitivas externas e internas, pesar as consequências de acções futuras e seleccionar as estratégias comportamentais (Ballone, 2002), intervindo também na manutenção da atenção e no controlo do comportamento emocional. Por tudo isto, a ênfase colocada na emoção por Collins (1993, cit in Turner, 2000) como sendo o denominador comum da escolha racional, encontra-se bem sustentada pela neurologia do cérebro.

O relacionamento definitivo entre as regiões corticais e as emoções ocorreu em 1939 por Heinrich Klüver e Paul Bucy (cit in Ballone, 2002) que, a fim de comprovar a suspeita de que lesões no córtex pré-frontal se traduzem em empobrecimento afectivo, submeteram os macacos a uma lobotomia temporal bilateral, que passaram a apresentar alterações comportamentais significativas. A experiência destes investigadores foi motivada pelos resultados colaterais das lobotomias pré-frontais utilizadas no tratamento de certas perturbações do foro psiquiátrico, em que os pacientes entravam num estado de analfabetismo afectivo, não evidenciando mais quaisquer resquícios do que sentiam, a par com um severo prejuízo das responsabilidades sociais, bem como da capacidade de concentração e de abstracção, apesar de se manterem intactas a consciência e a linguagem.

A emoção nasce em locais distintos daqueles que a substanciam e requer a participação coordenada de diversos componentes, só se materializando quando as

regiões desencadeantes excitam outras regiões cerebrais, os locais de execução. Na maioria das circunstâncias, as áreas cerebrais que iniciam uma emoção e aquelas que a regulam são conjuntamente estimuladas, se bem que se verifique uma relativa autonomia das primeiras, distinguindo-se quer da fase de avaliação que as antecede, quer da fase seguinte. Avaliação e estado emocional influenciam-se mutuamente (Damásio, 2004).

Em suma, podemos dizer que as emoções ocorrem quando as regiões cerebrais capazes de as desencadear ou executar são activadas, em consequência de sinais neurais ou estímulos artificiais, embora o cérebro não consiga processar duas emoções contrárias ao mesmo tempo. Seguindo a perspectiva de Ballone (2002), a experiência emocional pode ser resumida da seguinte forma: as emoções fluem da amígdala e do hipocampo para os corpos mamilares através do fórnix, donde seguem para o núcleo anterior do tálamo, via feixe mamilotalâmico; do tálamo viajam para o giro cingulado, irradiando-se depois para o neocórtex, cobrindo a experiência cognitiva de emocionalidade. Do neocórtex, esses estímulos retornam ao giro cingulado e, ao ponto de onde partiram, a amígdala e o hipocampo.

Expressão facial

Relativamente á expressão das emoções podemos considerar que se enquadram na gama de expressões não verbais das emoções (Ekman e Freisen, 1969). Podem ser apresentadas como emblemas (gestos traduzíveis por palavras), ilustradores (gestos que acompanham o discurso), reguladores (comportamentos que coordenam a conversação) e auto-adaptadores (gestos não intencionais) ou sinalizadores da emoção (expressões faciais, vocais, corporais e de contacto).

Efectivamente, a expressão facial não está dissociada da comunicação não verbal. Conceitos como o comportamento espacial, o contacto corporal, a distância interpessoal, a orientação, a postura e o olhar devem ser considerados. Apesar de a expressão afectiva do ser humano não se manifestar exclusivamente através da face, Ekman (1965) veio a afirmar que só a face era capaz de qualificar uma emoção como agradável ou não, sendo que o resto do corpo apenas fornecia a informação sobre a intensidade do afecto.

A expressão facial é um dos meios de comunicação mais importantes nas relações interpessoais, quer para obtermos uma confirmação de expectativas, quer para a afirmação de determinados estados de espírito. Para além da coordenação da interacção social, a expressão facial possui igualmente uma função informativa, evocativa e incentivadora.

Apesar da codificação das sete emoções básicas universais, a consequente ostentação não ocorre segundo a mesma configuração. Segundo Ekman, o rosto está preparado para exibir mais de dez mil expressões e, quando se verifica uma modificação do rosto, o repertório de emoções e sentimentos vai também alterar-se.

Os estudos sobre as expressões faciais foram primeiramente desenvolvidos por Darwin, sendo depois seguidos por Bower, Bowlby, Gauquelin, Ekman, Friesen, Lan, Woodsworth, Ito, Otta e Spitz. Nas últimas duas décadas, a investigação na área da expressão facial conheceu grandes progressos, e mais recentemente foram descobertos os genes responsáveis pela expressão facial. O interesse pelas expressões faciais é recuperado por Duchenne que considera que existem mecanismos neurais subjacentes á produção da expressão facial.

Baseado em Duchenne e outros anatomistas, Tomkins tira as seguintes conclusões anátomo-fisiológicas:

- Os músculos cutâneos estão subjacentes á pele e não são envolvidos por qualquer aponevrose, contrariamente ao que acontece com outros músculos esqueléticos.
- De acordo com múltiplas observações, incluindo as de Duchenne e de Darwin, no homem certos músculos cutâneos da face estão relacionados com emoções específicas.

De acordo com Freitas-Magalhães (2007), na formação de uma emoção operam três sistemas: a cognição, a expressão facial e o Sistema Nervoso Autónomo, sendo que o segundo sistema tem um maior destaque para Ekman.

Descodificar as emoções que passam pelo rosto humano é uma mais-valia para o acto de comunicar. Mas só através da microexpressão, só através da análise computurizada e de análise de programas especificamente criados para isso, é que é possível detectar as incongruências emocionais. Assim, a microexpressão é uma técnica que consiste na identificação e reconhecimento do rosto humano a partir da análise minuciosa dos músculos faciais.

Os instrumentos mais usados no estudo da expressão facial são o Facial Affect Coding Sistem (FACS) e o Facs Affect Interpretation Database (FACSAID). Relativamente á universalidade da expressão facial das emoções as principais referências são Darwin (1872), Tomkins (1962), Ekman (1969) e Izard (1971). Contudo, no início do século XX, os behavioristas puseram em causa a universalidade das expressões faciais dos estados emocionais, mas depois dos anos 50 alguns estudos vieram a confirmar, definitivamente, a existência de expressões universais. Em 1969, Carl Hjortsjö, descreveu detalhadamente o efeito dos vinte e três músculos mímicos da face durante os estados emocionais. Com base nisso, no final dos anos 70, os psicólogos Paul Ekman e Vincent Friesen criaram o FACS (Facial Action Coding Sistem), um elenco de todas as acções musculares associadas á expressão de uma dada emoção, que inclui a medida de intensidade das contracções e da sua duração. Por exemplo, no caso de um sorriso de alegria contraem-se o músculo zigomático maior, que ergue os cantos da boca e o musculo orbicular do olho, que estreita as órbitas oculares. Paul Ekman realizou estudos interculturais para demonstrar a universalidade da emoção e obteve idiosincrasias na expressão emocional, concluindo que não só a emoção é universal, como também alguns dos eventos que desencadeiam a

emoção. Ekman e Friesen argumentam que a noção de diferenças culturais na expressão facial das emoções a que se chegou no passado, pode representar uma falha em distinguir o que é transcultural do que é culturalmente variável.

No entanto, foram apontadas algumas críticas á tese da universalidade das expressões faciais das emoções e que se prendem com o “Gradiente Crítico” (Emoção com um gradiente de reconhecimento maior – Felicidade – e emoção com u gradiente de reconhecimento menor – medo, surpresa e aversão/nojo), a metodologia que é escolha forçada e a validade ecológica.

Ekman, ao propor a Teoria Neurocultural das emoções, com base num programa de expressão facial, reconhece por um lado a sua universalidade, mas ao mesmo tempo as suas idiossincrasias, sustentadas pelas regras de exibição, essas sim culturalmente variáveis. De facto, o meio exerce um papel fulcral no processo de manifestações das emoções, sendo que a cultura é um dos moderadores no desenvolvimento do comportamento emocional, pois desde muito cedo são interiorizadas normas de conduta que inibem o processo de expressão natural. Além da cultura, devemos considerar também a influência da educação e dos estereótipos socioculturais relacionados com o género. Richelle (cit, in Freitas-Magalhães, 2007) reforça a ambivalência da natureza cultural subjacente á emoção, defendendo que essa é a principal variável que regula as atitudes e as reacções emocionais de cada individuo, sendo que por vezes podem colidir com a norma social predominante naquele contexto. Ainda de acordo com este mesmo autor, a mesma natureza cultural vai criar o hábito e a ritualização da expressão emocional, possibilitando a praxis do entendimento, de convivência com o grupo social (cit in Freitas-Magalhães, 2007).

Russell (cit in Freitas-Magalhães, 2007) apresenta a revisão dos estudos sobre a interpretação cultural das emoções em quatro eixos fundamentais:

- As categorias universais básicas da emoção existem mas podem ser interpretadas diferentemente por determinadas culturas
- As emoções consideradas básicas são interpretadas tendo em conta modelos cognitivos próprios de cada cultura
- Às denominadas categorias da emoção são atribuídos significados diferentes, apesar da configuração biológica ser idêntica

- A emoção é sempre interpretada tendo por pano de fundo uma influência cultural

As conclusões de Russell apontam no sentido de as emoções serem classificadas diferentemente por indivíduos que pertencem a culturas diferentes e falam línguas diferentes. Apesar de as emoções serem classificadas consoante a cultura, isto não quer dizer que não sejam universais.

Diferenças de género

As mulheres e os homens utilizam o sistema de comunicação do rosto humano de forma diferente. A vasta literatura comprova a existência de diferenças de género na vivência e expressão das emoções. As mulheres, em comparação com os homens, referem vivenciar mais frequente e intensamente as emoções e são mais astutas na sua identificação (Freitas-Magalhães, 2007). Nos primeiros quatro anos de vida, já é possível detectar tais diferenças, particularmente ao nível da expressão facial da emoção. As diferenças de género apontadas têm leituras discordantes nas linhas de investigação publicadas ao longo dos anos. Há autores que sustentam que estas diferenças têm uma génese biológica e inata e, há outros que sustentam que tal se deve às exigências do contexto e dos papéis sociais.

De acordo com Freitas-Magalhães (2007) as mulheres exteriorizam mais os seus sentimentos do que os homens, designadamente os sentimentos de aproximação e de intimidade, os quais sustentam o afecto e a ternura. Elas não são mais emotivas que os homens, contudo, conseguem exprimir mais facilmente as emoções e percebem melhor e com mais facilidade as emoções dos outros.

Assim, inúmeras investigações comprovam que elas são mais assertivas no reconhecimento da expressão facial das emoções básicas e são consensuais quanto às justificações. Primeiro, a mulher, em contexto de interacção social, fixa durante mais tempo o rosto do outro. Segundo, a abordagem neuropsicológica confirma que os hemisférios cerebrais do homem estão ocupados com tarefas diferentes: o esquerdo desempenha todas as tarefas da linguagem, e o direito desempenha tarefas cognitivas de análise prática do comportamento não verbal, no qual se incluem a identificação e o reconhecimento da expressão facial da emoção. O hemisfério direito das mulheres é

mais assertivo que o dos homens, mas o mesmo não se verifica quando está em causa o reconhecimento da denominada expressão vocal da emoção e de posturas corporais.

Relativamente às emoções básicas a que iremos fazer referência neste trabalho, as mulheres são mais espontâneas e mais consistentes do que os homens na percepção das emoções básicas através das expressões faciais e este padrão manteve-se ao longo do ciclo vital. Enquanto as mulheres identificam frequente e espontaneamente todas as emoções exibidas pelos dois géneros, independentemente da idade, já os homens identificam mais frequente e espontaneamente as emoções apresentadas pelo género feminino e a sua percepção não é linear ao longo da idade (verificando-se uma maior dificuldade de identificação das emoções expressas pelo grupo dos 60-70 anos).

Freitas-Magalhães na sua obra “*A Psicologia das Emoções: O Fascínio do Rosto Humano*” (2007) revela ainda que as crianças conseguem exprimir mais facilmente as emoções positivas do que as emoções negativas, não se verificando diferenças significativas de género.

Assim, e de acordo com este mesmo autor, no que respeita às diferentes capacidades perceptivas entre homens e mulheres relativamente às emoções básicas exibidas em bebés, será importante referir que as últimas são mais espontâneas e mais consistentes do que os primeiros na percepção das emoções básicas das expressões faciais exibidas em bebés de um ano de idade. Os resultados confirmam que a identificação das emoções básicas por parte da mulher resulta da interacção vinculativa desde os primeiros três meses e acentua-se a partir dos oito meses de idade, sem distinção de género. Os homens não são tão espontâneos e consistentes nesta identificação, manifestando erros de percepção emocional entre o quarto e o sexto mês de idade em ambos os géneros de bebés. São também mais espontaneamente identificadas pelas mulheres as emoções positivas do que as emoções negativas.

Toxicodependência

O consumo de substâncias susceptíveis de alterar o estado de consciência não é novidade nenhuma na História da Humanidade, remontando mesmo á Antiguidade (Guerreiro, 2001). É sobretudo a partir dos anos vinte que começa a haver uma multiplicidade de definições para o conceito de toxicodependência, consoante a abordagem e o seu objecto de estudo.

A Organização Mundial de Saúde (O.M.S., 1957) define a toxicodependência como “um estado de intoxicação periódica ou crónica, resultante do consumo repetido de uma droga natural ou sintética, e que é caracterizada por um invencível desejo ou uma necessidade de continuar a consumir a droga, de a procurar por todos os meios, uma tendência de aumentar as doses, uma dependência de ordem psíquica, e geralmente física, em relação aos efeitos da droga, efeitos nocivos em relação ao indivíduo e á sociedade”. A toxicodependência não se limita a uma dependência física, pois implica todo um funcionamento psicológico alterado, que se traduz numa busca contínua de satisfação imediata de prazer dada a baixa tolerância á frustração e á baixa capacidade em lidar com afectos negativos.

Na sociedade contemporânea, o fenómeno da toxicodependência assume uma dimensão preocupante e constitui uma ameaça ao equilíbrio social, cultural e político, sendo alvo dos mais variados debates, tanto referentes a soluções para o tráfico de drogas, como também relacionados com argumentos contra e a favor da legalização das drogas (Guerreiro, 2001). Surgem novas drogas, aumentam os consumidores, assiste-se á deterioração física e psicológica do consumidor, á sua desinserção social e familiar, á violência e ao aumento da criminalidade (Guerreiro, 2001).

A Personalidade

Será possível definir um modelo de personalidade que corresponda verdadeiramente à personalidade do toxicómano?

Definir um modelo de personalidade do toxicodependente é demasiado reducionista.

Freud em 1932 apresentou a propósito das estruturas de personalidade, a metáfora do “cristal”, que deixado cair ao chão, se parte, segundo sistemas específicos de estrutura de composição do próprio cristal. Ou seja, de acordo com o sistema de linhas de clivagem, originárias e imutáveis que definem a variedade do cristal e que já pré-existiam antes deste se partir. Estas linhas não são visíveis a olho nu, mas num exame microscópico podemos observá-las.

O mesmo se passa com a estrutura de personalidade: o arranjo estrutural profundo, depois da crise da adolescência realizar uma identidade estrutural, fixa-se para toda a vida. Esta estrutura pode estar ou não, bem adaptada às condições internas e externas do sujeito e então ele é, ou não considerado normal.

Não tem interesse pois, analisar o toxicodependente como se de uma estrutura específica se tratasse, pois a toxicodependência pode ser resultado de uma estrutura preexistente, ou seja, pode por exemplo funcionar como modo de defesa, para evitar uma descompensação psíquica.

Para Rado (1933) o problema da toxicodependência não reside no agente tóxico, mas na impulsão do indivíduo em servir-se dele, permitindo que o fenómeno da dependência se instale no sujeito.

Não existe nenhuma estrutura de personalidade própria à toxicodependência, pelo que a farmocodependência, qualquer que seja a sua natureza química, pode desenvolver-se em qualquer estrutura mental e em qualquer momento desta estrutura, desde que estejamos perante determinadas condições.

Nada de específico caracteriza a toxicomania do ponto de vista estrutural. A toxicodependência não é, pois, um modo partícula de personalidade.

Bergeret (1984) considera que todas as formas de personalidade, enquanto funcionamento da estrutura, podem ser propícias à instalação da toxicodependência: da estrutura neurótica, à psicótica, passando pelos sujeitos que têm dificuldades em afirmar a sua identificação no decurso da crise da

adolescência, não conseguindo estruturar-se convenientemente, permanecendo imaturos com fundo depressivo.

Estas formas de personalidade, que se encontram na toxicodependência, encontram-se também em todos os estratos sociais e em toda a parte.

A toxicomania pretende mascarar a verdadeira estrutura do indivíduo, pelo que quando o comportamento toxicómano desaparece, a estrutura, essa persiste.

No caso dos sujeitos estruturados psicoticamente, sem que a triangulação genital edipiana tenha organizado a personalidade, as pulsões libidinais não estão capazes de integrar o dinamismo violento. Os restícios genitais e edipianos, nesta estrutura de personalidade, não estão ligados entre si e sobretudo não têm nenhum poder organizador da personalidade. Na área da psicose e na sintomatologia inicial do toxicodependente encontramos sujeitos que procuram evitar surtos delirantes, graças às manifestações comportamentais de natureza toxicomaniaca bem como indivíduos que procuram justificar as suas representações, que já são delirantes, com o uso de substâncias. Ambas as formas de defesa pretendem evitar ou justificar o delírio, pelo que, a utilização da droga tem apenas a função defensiva.

Estudos epidemiológicos referidos por Bergeret (1984) apontam para um número relativamente elevado de sujeitos que desenvolveram uma toxicomania, sobre uma organização de personalidade tipo psicótico.

No caso das estruturas neuróticas, em que se trata de uma problemática genital e edipiana, as pulsões violentas são integradas e orientadas para o objecto da relação. Os problemas afectivos colocados por estas estruturas dizem respeito às carências imaginárias. Existe uma dificuldade em funcionar sobre o registo das representações mentais e uma necessidade de passar ao acto, nas actividades comportamentais que implicam o corpo.

É interessante verificar que os toxicómanos com este tipo de estrutura, drogam-se normalmente sozinhos, porque nunca estão sós, ou seja, drogam-se sempre “contra alguém” contrariamente aos sujeitos que não suportam o isolamento e se drogam para se sentirem como pertencendo a um grupo.

De acordo com os estudos epidemiológicos citados por Bergeret (1984) e contrariamente ao que sucedia no século XIX e inícios do século XX, em que a maior incidência dos toxicómanos situava-se entre as personalidades neuróticas,

após os anos 60, verifica-se um decréscimo de toxicómanos com personalidades do tipo neurótico.

Por outro lado, verifica-se, actualmente, existir uma maior incidência de toxicómanos com personalidades depressivas, principais vítimas das insuficiências de imagens parentais, situação cada vez mais vulgarizada nos nossos dias e nas sociedades industrializadas.

Uma certa forma de funcionamento relacional das famílias e dos seus laços afectivos, não é estranha á extensão deste tipo de personalidade que é caracterizado por uma importante imaturidade afectiva que impede o sujeito de se estruturar, quer numa personalidade neurótica, quer psicótica. Estes indivíduos não saem da crise da adolescência. Este género de personalidade corresponde a indivíduos, mal estruturados, mal organizados afectivamente, com um pseudo anticonformismo, sempre insatisfeitos com o mundo porque estão insatisfeitos consigo mesmos. São personalidades muito influenciáveis, sem identidade real.

Contrariamente á opinião de alguns autores que falam do luto não resolvido nestes indivíduos, Coimbra de Matos (1992), considera que enquanto no luto estamos perante a perda material concreta do objecto, nas personalidades depressivas estamos em face da perda do afecto objectal. Há nitidamente uma perda afectiva, ou seja, o objecto dá ao sujeito menos afecto, do que lhe dedica, ou o objecto deixou de dar o afecto que dava.

No que se refere á família, Coimbra de Matos (1992) considera ainda que não é a maior incidência de perdas objectais que vem condicionar nesta, as carências de afecto, mas sim uma incidência de patologia na família, nomeadamente pai alcoólico, mãe depressiva, doença graves num dos pais, rupturas na família, divórcio, etc.

Na depressão o sintoma cardinal é o desinteresse pela vida e pelas coisas. Para além deste abatimento, na depressão persiste o sentimento da raiva do objecto que abandonou o sujeito. Daí a baixa auto-estima e a lesão narcísica. Esta última sentida como uma ruína narcísica, nas depressões mais profundas.

Segundo Coimbra de Matos (1992) “ a ansiedade é qualquer coisa que acontece face á catástrofe que está para vir, na depressão a catástrofe já se deu, e a depressão é pois face á perda desse afecto”.

Este processo é parente no caso da toxicomania. A angustia interior do sujeito, conduz ao medo de isolamento, pouca confiança em si mesmo, pelo que surge a necessidade compulsiva de aderir a um grupo do qual se torna dependente.

Como se pode compreender a evolução destes sujeitos para a toxicomania é fácil, quando pressionados por outros contextos onde haja outros toxicodependentes. Estes são os sujeitos que mais expostos estão à afeição dos traficantes, que deles se utilizam com maior facilidade, para aumentarem o tráfico.

Ao adolescente deve ser-lhe permitido fazer a separação emocional dos pais de acordo com a sua própria evolução. Por vezes, são os pais que iniciam esta separação. Se esta não parte, portanto, do adolescente esta separação acaba por ser conduzida pelos pais, ao qual o jovem pode reagir depressivamente. Por vezes, os pais precipitam-se nesta separação desencadeando no adolescente as reacções referidas.

Faz parte do desenvolvimento da adolescência a mudança de objecto. Passar a investir mais no jovem parceiro amoroso, permite ao adolescente a transição, o que não quer dizer que esta não seja uma tarefa difícil para o jovem. O indivíduo é colocado face a uma tarefa relacional nova, com um objecto novo, estranho, em que as coisas se passam mais no plano equalitário, pelo que o indivíduo está mais sujeito a ter perdas afectivas ao nível das relações amorosas.

Na mudança de objecto na adolescência dá-se ainda outro fenómeno, a mudança de objectivos. Enquanto que na relação com os pais o sentido é de protecção, na relação amorosa, a finalidade já não é ser protegido. A relação é de complementaridade, de maior simetria e exigência. É um novo diálogo de amor a que o adolescente precisa de se adaptar.

Na perspectiva de Coimbra de Matos (1992), qualquer fenómeno, por mais simples, não se passa num sistema fechado, mas aberto como é o sistema relacional, altamente complexo e tendo subjacente a inter-relação dos vários elementos do sistema. Na abordagem da toxicodependência assente em modelos de dinâmica familiar, que apresentaremos mais à frente, este é um pressuposto sempre presente, quer na teoria, quer na intervenção terapêutica.

Como qualquer fenómeno patológico, temos que entrar em linha de conta com os fenómenos de retroacção e uma certa circularidade do fenómeno causal. Um fenómeno nunca tem uma causa única, mas várias incidências causais.

Assim, é importante que face a uma determinada sintomatologia que possa surgir na infância se acompanhe a sua evolução.

Na adolescência é frequente a sintomatologia depressiva. Nesta fase do desenvolvimento, o jovem exprime bem a sua depressão, sem fazer ressaltar mecanismos de defesa, por isso ela é visível. Na infância os fenómenos depressivos são frequentes, mas a criança não os exprime com a mesma facilidade do adolescente. Geralmente a depressão na adolescência manifesta uma patologia mental que raramente é actual, todavia, as situações actuais reactivam a perda objectal da infância, em relação a um dos pais. É esta reactivação que vai agravar o quadro da depressão que o sujeito apresenta. Daí que, muitas vezes, o sujeito não tem consciência do que o deprimiu, porque a perda actual não é relevante, todavia, é esta perda actual que vai reactivar perdas anteriores que estão recalcadas.

É quando o deprimido percebe que a grande perda afectiva foi na infância, que lhe é possível fazer o trabalho na depressão, comparável ao trabalho do luto: esquecer-se do objecto perdido, desinvestir nessa relação e investir no novo objecto. Não é possível sair da depressão sem que este trabalho prévio seja feito, para que o sujeito possa compreender a patologia deste objecto, que não o amou, ou que o deixou de amar. Só esta compreensão pode permitir a aceitação do objecto e a reconciliação.

No caso do toxicómano, com esta estrutura de personalidade, é forçoso que o sujeito passe pelas fases descritas, para que lhe seja permitida a reconciliação, sem que necessite assumir condutas de fuga, que o levam inevitavelmente á droga.

Sem esta reconciliação, não é possível ao sujeito, encontrar objectos de outra qualidade afectiva, continuando no seu sistema depressivo e a agravar a depressão pelas más escolhas que faz.

Ao analisarmos os estudos de Rosenfeld (1960), que observou uma relação de similaridade entre a posição depressiva e a droga-adicção, pode-se pensar que o elemento essencial desta relação está na identificação com o objecto doente ou morto. Nestes casos, a droga simbolizaria este mesmo objecto

“estragado” e a sua incorporação concreta, aliada aos efeitos farmacotóxicos produzidos, serviria para reforçar a identificação com o objecto.

Segundo Coimbra de Matos (1992) as dificuldades do toxicómano em estabelecer uma relação adulta, mudando várias vezes de parceiro, são referidas em vários estudos. Estas dificuldades, reflectem-se igualmente ao nível do grupo de pares, na medida em que é vulgar, a procura por parte do jovem toxicómano de jovens com problemáticas idênticas á sua, assumindo o jovem uma entidade que lhe foi atribuída de desvalorizado e culpado.

A construção da identidade, que para além de se fazer face á identificação do modelo, se faz também pela identificação imagética, perante um objecto que desvaloriza e culpabiliza, terá forçosamente que ser uma identificação em que estas vertentes estão presentes.

Este processo depressivo organiza-se de uma forma inconsciente e autónoma.

O indivíduo adopta um funcionamento mental, em que, perante as situações, ele é sempre o culpado. O processo de introjecção de todo o mal exterior a si, vai-se autonomizando, agravando a depressão. Por outro lado, o indivíduo entra numa economia de perda, ou seja, sentido a falta de afecto dá sempre mais do que recebe, na expectativa de receber o suficiente. Paralelamente ao processo de introjecção, funciona o processo de idealização do outro, a par de uma desvalorização de si próprio. O objecto infantil sofre uma clivagem, sendo que o objecto externo é idealizado e a representação inconsciente deste objecto é um introjecto maligno, a mãe controladora, como o toxicómano tantas vezes a descreve.

Como já referimos, determinada patologia em dada altura do desenvolvimento, pode e sofre com certeza alterações, evoluindo de acordo com a interacção dos diferentes sistemas que lhe estão subjacentes. Se na adolescência é frequente a sintomatologia depressiva, também é obviamente diferente a sintomatologia de acordo com a substância de que se abusa. No caso dos heroínomanos a angústia é do tipo psicótico, é a angústia de aniquilamento, a angústia do desaparecer, a angústia de dispersão no espaço por falta de um objecto continente. Esta angústia é diferente da angústia de perda de objecto, própria da situação depressiva, ou mesmo da angústia de medo de perda do objecto, própria da situação de ansiedade.

Melanie Klein (1932) fez a ponte entre o toxicómano e a posição maníaco-depressiva.

Retomaremos, então, as ideias de Rosenfeld (1960) sobre a relação entre os fenómenos maníaco-depressivos e a droga-adicção: diante de sua própria fragilidade egóica, o indivíduo adicto recorre a mecanismos de defesa maníacos para escapar á dor implicada na depressão. A droga, neste caso, funciona como um gatilho que desencadeia a activação deste mecanismo, processo que por si só exige do Ego um certo quantum de energia.

Szasz (1958), por outro lado, refere o aspecto contra fóbico do toxicómano, mecanismo este, que seria uma tentativa de domínio do perigo. A procura deste perigo teria por fim a prova da sua própria onnipotência.

Efectivamente, seja em que fase da vida o processo de perda objectal, possa ser reactivado, o indivíduo pode reagir a este processo pelo ataque ou pela fuga. Ou ataca o objecto “abandónico”, ou desinveste e estamos perante a fuga desinvestimento, reacção depressiva face á perda afectiva na pré-infância.

Para Amaral Dias (1980), o que o potencial dependente procura é o efeito prazer farmacogénico, que consiste essencialmente no aumento da auto-estima e na elevação da tonalidade afectiva, permitindo-lhe que o Eu reencontre a sua grandeza original, que não é mais do que a onnipotência narcísica do Eu megalómano, como se o seu mal-estar, resultante da confrontação com a realidade, não tivesse sido senão um pesadelo que é magicamente superado pela droga.

Após o efeito desta, a realidade torna-se mais dolorosa, pelo que compulsivamente o sujeito é levado a novo consumo, numa tentativa de manter a auto-estima e combater a depressão.

Meltzer (1992) considera que o toxicodependente, na posição maníaco-depressiva, oscila entre o poder e a submissão.

Podemos, assim, concluir que existem traços comuns ás estruturas de personalidade dos toxicómanos. Dos elementos considerados, três factores dominam o quadro clínico das personalidades dos toxicómanos:

- as carências imaginárias
- as manifestações comportamentais
- as carências identificatórias

As carências imaginárias, ou seja, a precaridade das possibilidades imaginárias é patente no toxicómano. O imaginário que resulta de uma actividade mental criativa, permitindo ao sujeito criar cenas fantasmáticas animadas, fazendo o sujeito e outras personagens significativas entrar em relação, apanágio de uma boa saúde afectiva, não se encontra no toxicómano. As carências imaginárias limitam as trocas afectivas com o mundo exterior e a realidade que ele representa. Portanto, o sujeito é incapaz de criar, por antecipação, desejos e prazer na troca com o outro. O universo exterior, sentido como frustrante, fá-lo estabelecer uma relação com uma substância inanimada que é a droga.

As manifestações comportamentais resultam da necessidade que o sujeito tem de reagir por actos para compensar as carências afectivas e a imobilidade do universo imaginário. Assim, o corpo fica como que ao serviço do comportamento. É como se, com os comportamentos adictivos, o corpo pagasse as falhas do imaginário.

Sami-Ali (1988) salienta a originalidade da toxicomania no Egipto, relativamente às sociedades ocidentais, no que diz respeito á acessibilidade que, neste contexto, os consumidores de haxixe têm á vida onírica.

Ao colocar a problemática do toxicodependente no quadro da histeria, considera que a doença orgânica deve ser analisada na relação entre o corpo real e o corpo imaginário.

Para Sami-Ali (1988), se nem tudo é imaginário na droga, é, no entanto, a relação com o imaginário que fixa os traços no plano pessoal e cultural de toda a toxicomania.

Ao utilizar uma defesa projectiva que consiste em situar no exterior as fontes das suas dificuldade, o que lhe facilita a tarefa de acusar tudo e todos, o toxicómano justifica, assim, as suas manifestações comportamentais que, levadas ao limite, poderão inscrever-se nas condutas suicidas, que por sua vez se inserem na vontade de autodestruição – neste caso estão as “overdoses”.

As carências identificatórias ou dificuldades de identificação parecem resultar da situação dos pais ausentes ou/e pouco representativos, ou noutros casos, de pais pouco afectivos. Há uma incapacidade de integrar as qualidades dos progenitores, ou seja, de as tomar para si, colocando-se no lugar do outro, por forma a confrontar-se com os pais no sentido positivo, no plano relacional.

Nestes casos os jovens têm tendência á imitação, mais do que á identificação. Esta dificuldade de identificação torna os jovens passivos perante situações de pressão exterior, tornando-os vulneráveis e incapazes de reagir de forma adequada ás situações que se lhe colocam em interacção com o contexto, ou seja, incapazes de fazer o “coping” da situação (Lazarus, 1984).

Os “ideais” destes jovens, segundo Silbereisen (1986), são vagos, desmesurados, irrealistas, por isso, os decepcionam, agravando a depressão.

Esta imaturidade afectiva, patente no toxicómano, não lhe permite a interiorização de instâncias morais, fundamentais para o bom funcionamento relacional. As instâncias morais são qualquer coisa exterior ao individuo, consideradas formais, sádicas e inoperantes e, por isso, conduzem á revolta.

Os tipos de personalidades, encontradas nos toxicómanos, não diferem das variedades de personalidades que encontramos em todas as categorias de desvios sociais, ou de quadro de personalidades que encontramos no dia-a-dia. Todavia, os toxicómanos têm tendência a fechar-se em grupos mais ou ,menos bem organizados, como se funcionassem num mundo á parte, á semelhança de outros grupos que agem de igual forma.

É a essa provocação que a opinião pública reage, reprimindo os toxicodependentes, porque eles representam uma caricatura dos “falhanços” de cada um de nós e das nossas próprias carências. Contudo, é a alguns pais que mais incomoda esta provocação, porque, efectivamente, consideram que a eles se dirige, por isso, se culpabilizam da opção dos filhos.

Estes processo estão obviamente dependentes da acção do individuo sobre o contexto e vice-versa, e das diferentes interacções com os diferentes subsistemas, nomeadamente o familiar.

A dinâmica familiar

Assim como não existe uma modalidade de organização estrutural típica da toxicomania, também não há um perfil típico e único da família do toxicómano.

Todavia, não restam dúvidas de que determinados funcionamentos relacionais na família são importantes no desencadear da toxicomania.

Como já afirmámos, qualquer fenómeno não ocorre num sistema fechado, mas aberto, como é o sistema relacional, altamente complexo e tendo subjacente a inter-relação dos vários elementos do sistema.

Do ponto de vista da teoria sistémica familiar, a toxicomania funciona, a nível do sistema familiar, como o sintoma de que a estrutura familiar necessita, para manter a homeostase do sistema.

O sistema familiar, com a sua dinâmica própria, pode contribuir para o eclodir da toxicomania; aliás, é neste contexto, que o adolescente actua e interage numa primeira fase da relação acção/contexto, podendo dizer-se que é neste contexto que lhe é, ou não, facultada a possibilidade de aprendizagem de “coping”, que lhe permitirá fazer face as novas situações, assumindo comportamentos adequados. É esta aprendizagem que á posteriori, se interiorizada, permite ao jovem aplicá-la noutros contextos.

Lea Pulkkinen e Anu Narusk, num estudo realizado na Finlândia e na Estónia (1987), sobre as funções do consumo de álcool no adolescente, verificaram ser o ambiente familiar um factor de risco no inicio precoce no consumo de bebidas alcoólicas.

Michael West, num estudo levado a cabo nas bermudas (1987), sobre o consumo de drogas em estudantes do nível secundário, concluiu que ao consumo de álcool e drogas pesadas ilícitas nos jovens, estão associados factores como a idade, o sexo, a raça, o consumo de álcool pelos pais, a forma como os jovens ocupam os seus tempos livres, assim como a tolerância e crenças face às drogas. a incidência de jovens dependentes em famílias em que os pais são dependentes, quer de fármacos, quer de álcool, ou mesmo de diversos tipos de substâncias, aumenta notoriamente. Estas conclusões viriam, de alguma forma, privilegiar o lugar que a família ocupa na problemática da toxicomania.

Por outro lado, não deixa de ser interessante, verificar as diferentes formas que determinadas famílias utilizam para lidar com o adolescente, como por exemplo, utilizando-o como baluarte de uma relação de casal, que embora desgastada se vai mantendo. O adolescente, com diferentes manifestações comportamentais, a que podemos chamar comportamentos desviantes – fugas de câs, vários “acidentes”, experiências com algum risco, nomeadamente com substâncias – possibilita aos pais a justificação da necessidade em manter a relação de casal, para protecção deste adolescente que persiste em ser criança;

não fosse ao autonomizar-se deixar de existir justificação para o casal continuar junto.

Esta forma disfuncional destas famílias se relacionarem vai como que reactivando, compulsivamente, os comportamentos pré-delinquentes do jovem e, cada vez mais, permitindo-lhe uma acção/reacção com o contexto que “eterniza” aqueles comportamentos, já que esta acção/reacção é desenvolvida num sistema circular fechado.

A impossibilidade do jovem adolescente se autonomizar, responsabilizando-se pelas tarefas, próprias da fase adultícia, é várias vezes referida nas consultas, em que a família vem pedir auxílio. A par deste pedido de ajuda, a família pede igualmente e de forma paradoxal, que nada se mude. O receio de que se a família se desagregue, é uma constante subjacente ao pedido, deste sistema tão fragilizado.

Não é raro, nas mesmas famílias, constatar-se que são os próprios pais que não permitem ao jovem concretizar as tarefas de desenvolvimento, que lhe possibilitam autonomizar-se, protegendo-o demasiado e justificando, normalmente, esta sua atitude por uma incapacidade generalizada no jovem.

Este sentimento de incapacidade atribuído ao jovem, é gerido com uma grande culpabilidade por parte dos pais; normalmente de forma acentuada num dos progenitores que, por sua vez, impele, de alguma forma, o jovem para actos que continuem a justificar a necessidade de o protegerem. Veja-se o caso dos pais/mães que são eles próprios a dar dinheiro aos filhos para adquirirem a droga.

Se há famílias onde a própria conduta persecutória dos pais, com padrões de funcionamento extremamente rígidos, impele os jovens para a droga, outras há em que os padrões familiares, as regras, são de tal forma fléxiveis, ou por vezes quase inexistentes, que os jovens, por mais apelos que façam, não conseguem transmitir aos pais como se sentem: perdidos e necessitando de orientação. Os pais denegam a situação. Recusam-se de tal forma a aceitá-la, que tudo é explicado sempre por outras vias, que nunca as que possam desestruturar a família. O segredo que todos partilham não é, assim, comunicado para o exterior deste sistema fechado que persiste em manter a sua homeostase.

Neste quadro estão os jovens que, durante anos, se drogam sem que os pais assumam que têm disso conhecimento, afirmando perante situações

evidentes que nunca suspeitaram que o jovem tivesse sequer contactos com a droga.

Este mecanismo de denegação não permite ao jovem exprimir o seu mal-estar no contexto familiar. Estas famílias auto-descrevem-se como famílias demasiado harmoniosas, onde “tudo vai bem”, idilicamente, sem a mínima beliscadura. Bem demais para poder ser real.

Segundo Sampaio e Gameiro (1985), é através de transacções deste tipo, que se repetem ao longo dos anos, que a família estabelece padrões de interacção, que se tornam leis de conduta para os seus elementos. o sintoma seria, pois, “produto de uma organização estrutural disfuncional do sistema familiar” (Sampaio & Gameiro, 1985).

Se considerarmos a definição de estrutura de família como um conjunto invisível de necessidades funcionais, que organiza o modo como os elementos da família interagem (Minuchin, 1974), compreende-se que no momento em que a família conseguir organizar-se de forma mais adequada o sintoma desaparecerá.

Perante a identificação da conduta toxicómana, a família terá tendência a colocar fora de si, no exterior, a responsabilidade da situação, nomeadamente nos traficantes, nos grupos de pares que o desviou, na polícia que não prende quem devia, etc, etc, desempenhando o jovem, para a família, o papel do irresponsável, do qual obviamente vai tirando benefícios.

Mas acima de tudo, a família tem que continuar a representar este teatro, porque é forçoso manter o status quo da família. Assim, o jovem é o “sacrificado” que não pode retirar-se pois o seu papel, como base do edifício familiar, é sustê-lo.

O problema do mito da família é abordado pelos terapeutas familiares, constatando estes que os esquemas repetitivos se instalam na família, assumindo, determinados elementos, condutas idênticas às já assumidas por elementos de gerações anteriores, ainda que o “segredo” tenha sido mantido. No caso da toxicomania, verifica-se que a propensão crónica á auto-destruição desenvolve-se através de diferentes gerações, manifestando-se na geração a que o jovem toxicómano pertence e através dele de uma forma mais radical.

Sternschuss e Angel, citados por Bergeret (1984), referem a elevada incidência de estados depressivos, por vezes tentativas de suicídio e excessivo

consumo de psicotrópicos, em pais de toxicodependentes. A par deste dado, os mesmos autores referem que quanto á fratria do jovem toxicómano é vulgar verificarem-se situações de consumo de substâncias, delinquência, tentativas de suicídio ou patologias das condutas alimentares.

Assim, a atenção da família é sucessivamente mobilizada num membro, que mediante o sintoma, vai mantendo a homeostase da família, ou seja, o seu equilíbrio instável.

Nestas famílias, os mitos – “segredos” que todos sabem, mas que não é assumido por ninguém – são o equivalente dos mecanismos de defesa individuais.

Se a família pode funcionar como sistema regulador ou disruptivo da conflitualidade, é enquanto sistema disruptivo que contribuirá para que o jovem em acção com o contexto, não consiga integrar as aprendizagens que vai fazendo, impedindo-o de concretizar tarefas que contribuam para um desenvolvimento harmonioso.

Estas famílias, ás quais está subjacente o medo de separação, não proporcionam ao jovem o adequado envolvimento que lhe permita auto-regular-se, autonomizando-se por forma a adquirir a identidade e atingir a fase adulta.

Segundo Blum, citado por Amaral Dias (1980), “é somente quando os pais abdicam da autoridade, que o grupo passa a tê-la”. Todavia, é habitual, como já referimos, nas famílias em que há um toxicodependente, um processo de projecção da culpa no grupo. A incapacidade de gerir o processo não é assumida pelo jovem, nem pelos pais, que não assumiram, em tempo adequado, a autoridade que lhes competia.

Estas famílias demasiado rígidas ou demasiado flexíveis não transmitem ao jovem a noção de regra ou padrão comportamental no seio da família. Ou seja, nas primeiras, as regras são demasiado rígidas, sendo que o padrão é impraticável; nas segundas, as regras são praticamente inexistentes, sentindo-se o jovem a navegar, sem referências ou coordenadas.

Sem tipificar a família do toxicómano, Amaral Dias (1980) considera haver importante diferenças entre a patologia familiar do toxicodependente e outros tipos de patologia familiar. Segundo o autor, o toxicómano manifesta a capacidade de recorrer a relações exteriores á família, ou seja, sair do sistema para recorrer a outros, nomeadamente ao grupo de pares.

Ainda segundo Amaral Dias (1980) a relação do toxicómano com a mãe é do tipo fusional, sendo difícil o processo de separação/ individuação. Este processo é dificultado pela atitude maternal hiper-protectora que secundariza a ausência da imagem paterna. Efectivamente, é sobretudo o défice da internalização da imago paterna que sobressai no toxicómano.

Bower citado por Sampaio e Gameiro (1985) referir-se-ia aos indivíduos com “fusão emocional intensa”, como tendo um baixo nível de diferenciação o self, sendo que a sua vida é dominada pelo sistema emocional. “Nestes casos o intelecto é inundado pelas emoções e a vida é totalmente orientada no sentido da procura relacional, sendo toda a energia investida em busca de aprovação e amor. Muitos objectivos de ordem intelectual ou profissional são assim prejudicados, já que estas pessoas estão emocionalmente dependentes daqueles que as rodeiam” (Sampaio & Gameiro, 1985).

Segundo Minuchin (1980), nas famílias disfuncionais, há frequentemente alterações dos limites, invadindo certos elementos da família, funções que pertencem a outros. Ainda segundo este autor, nestas famílias, os limites ou são difusos (famílias aglutinadas), não permitindo a individualização dos elementos da família, ou os limites são excessivamente marcados (famílias desagregadas), não permitindo trocas afectivas entre os seus membros.

Por outro lado, a família não disfuncional teria limites claros, mas permeáveis, permitindo contactos entre os seus elementos e simultaneamente a individualização das funções.

Amaral Dias (1980) refere como comportamentos relativamente frequentes na família do toxicómano: o comportamento agressivo e a passagem da relação diádica á triádica.

Para este autor, a possibilidade do toxicómano se individualizar, através da agressividade que manifesta, não é mais que um fenómeno de pseudo-individuação. Os protestos do jovem não são levados em consideração, ou são justificados pelo efeito da droga; isto é confirmado para a família pelo “arrependimento” do próprio.

A situação triádica de que nos fala Amaral Dias (1980) é o exemplo, que descrevemos, do jovem que tem como função manter o edifício familiar. É através do sintoma que o jovem consegue entra na realidade diádica dos pais, tornando-a triádica, mantendo, assim, a homeostase do sistema familiar.

Resumindo, apontaríamos como situações que têm sido encontradas em famílias de toxicómanos:

- o défice nos modelos familiares
- a perturbação ou instabilidade do meio familiar
- a percepção/défice das imagens parentais
- o sentimento de rejeição

A relação distante e negativa que o toxicómano mantém com a imagem do pai dificulta a resolução normativa da identificação, sem o qual não é possível a internalização dos valores e regras do comportamento, o que nos remete para determinado tipo de comportamentos desviantes próprios do toxicómano. Esta relação que o toxicómano mantém com a imagem do pai é a de perda ou abandono, que vem propiciar a depressão no adolescente, conforme já assinalámos anteriormente.

A toxicodependência na Mulher

O consumo de substâncias que geram dependência remonta á Antiguidade, e o mito que prevalece diz que as mulheres não se envolvem normalmente em problemas de abuso de drogas e que se trata de um problema fundamentalmente masculino (Heath, in Mayes, 1995), apesar de desde sempre as mulheres chegarem até a constituir a percentagem mais elevada entre os consumidores, nomeadamente em alturas em que os opiáceos eram prescritos pelos médicos com vista ao tratamento dos “problemas nervosos”, ou em que o consumo destas substâncias se tornou muito popular entre as prostitutas no século XIX. Só após os anos 40 do século XX, o perfil típico do consumidor passou a ser o homem pobre do meio urbano (Mayes, 1995).

De facto, nos últimos 40 anos o modo de vida e o comportamento das mulheres alterou-se profundamente, passando estas a desempenhar funções tradicionalmente atribuídas aos homens. Muitos clínicos até interpretam a toxicomania nas mulheres como uma revolta relativamente ao papel que lhe é tradicionalmente atribuído (cit in Angel. P., Richard. D., & Valleur. M, 2000).

O impacto que tal realidade assume na actualidade é muito preocupante, especialmente pelo choque com os valores socioculturais pelos quais a sociedade se rege (Guerreiro, 2001). Nesse contexto, a toxicodependência na mulher

assume uma dimensão diferente devido a particularidades específicas que derivam do plano biológico, familiar e cultural.

Frequentemente a história de vida das mulheres toxicodependentes caracteriza-se por infâncias com problemas, negligenciadas, marcadas por experiências frustrantes e violentas (física, psicológica e sexualmente), sem relações afectivas estáveis ou cuidados maternos securizantes (Marcelino, 1992). São mulheres normalmente caracterizadas como deprimidas, com perturbações da auto-estima, com tendência a relacionamentos interpessoais difíceis, marcados pela desconfiança (Ferreira, 2000).

A maioria dos clínicos assinala o predomínio da sintomatologia depressiva e ansiosa. Quase todas as mulheres toxicómanas já tentaram, pelo menos uma vez, suicidar-se ou já adoptaram outros comportamentos de risco que não a toxicomania. Os equivalentes suicidas manifestaram-se antes de ter havido qualquer espécie de envolvimento num percurso para a toxicomania. As alterações da auto-estima são significativamente mais intensas e a sua vivência persecutória é significativamente mais marcada do que nos homens. Estas mulheres sentem-se desprezadas, rejeitadas e a escalada dos seus comportamentos desviantes agrava os seus sentimentos de auto-desvalorização.

Também de acordo com Pimenta (1997), a história pessoal das mulheres toxicodependentes revela frequentemente uma infância desarmónica, caracterizada pelo abandono, frustração repetida, negligência, violência física, psicológica e sexual. As suas mães são habitualmente punitivas, hostis, sem ternura, sendo o pai sentido como fraco, distante ou mesmo ausente.

A história das mulheres toxicodependentes revela habitualmente uma baixa mobilidade familiar, com história de alcoolismo parental recorrente, infância desarmónica, adolescência difícil, marcada por fugas de casa, abandono da escolaridade obrigatória e/ou saída definitiva de casa até aos 18 anos, período em que se iniciam, muitas vezes, os consumos de drogas ilícitas, significativa baixa de auto-estima na idade adulta, sendo frequentes os quadros depressivos, conflitos familiares, laborais e nas relações interpessoais (Marcelino & Santos, 1990).

Os consumos são habitualmente iniciados com o companheiro e rapidamente abandonam o círculo de relações sociais, passando a fazer parte de um novo grupo, composto por toxicodependentes. Câmara (1992) refere relações

amorosas infantis, platónicas e fusionais, com relações sexuais pouco investidas, sendo mesmo possível o envolvimento em comportamentos como a prostituição, falsificação, pequenos furtos, como meio de manter os consumos.

Frequentemente estas situações escondem cenários de abandono precoce, monoparentalidade, personalidades imaturas, dependentes, relações afectivas insatisfatórias, podendo estas mulheres sofrer de má nutrição, alterações menstruais, doenças infecciosas (Hepatite, doenças venéreas, SIDA, etc) (Ferreira, 2000). Estas consequências variam e são influenciadas por vários factores tais como o tipo de droga consumida, a vulnerabilidade individual, estrutura familiar, nível e expectativas sócio-culturais.

Problemática e Questões

Reflectindo acerca das emoções e da sua expressão, através de um dos veículos possíveis que é a expressão facial, o objectivo genérico deste trabalho será estudar as emoções e o seu reconhecimento.

Num primeiro momento, procurámos esclarecer o que são as emoções. Depois de definidas e contextualizadas, abordámos a questão da expressão facial. Contudo, após uma leitura exaustiva nesta área, verificámos que as mulheres são mais consistentes e espontâneas que os homens na percepção das emoções básicas, sendo estes dados resultantes da análise das expressões faciais. Assim, optámos por analisar apenas o reconhecimento que as mulheres teriam das expressões faciais, estando estas sobre o efeito da droga, que seria a nossa variável independente.

Antes de seguirmos com a investigação empírica considerámos também importante fazer referência ao fenómeno da toxicodependência, nomeadamente na mulher. Vimos, no entanto, que esta é marcada por um mundo frustrante e violento, caracterizado por relações afectivas insatisfatórias, sendo, normalmente estas mulheres caracterizadas como sendo deprimidas, com grandes perturbações de auto-estima mas também marcadas pela desconfiança.

Deste modo, julgámos que seria importante analisar a influência da toxicodependência na percepção e no reconhecimento que a mulher tem das emoções básicas, através da análise da expressão facial. Por conseguinte, questionámo-nos também se estas mulheres não teriam uma maior facilidade na percepção de emoções que de certa forma caracterizariam esta sua vivência.

Portanto, o nosso objectivo é estudar este fenómeno a partir das seguintes questões:

- Será que as mulheres têm a mesma capacidade de reconhecimento das emoções quando estão sobre o efeito de drogas?
- Até que ponto a ingestão de drogas não irá influenciar a capacidade destas mulheres nesse domínio?
- Será que a vivência emocional destas mulheres não irá afectar a sua percepção relativamente às emoções básicas?

Metodologia

Instrumento

Foi realizado uma investigação do tipo qualitativo, com um formato de análise de casos múltiplos, utilizando o “Teste de Reconhecimento de Emoções Básicas” como instrumento de pesquisa para a recolha de dados, o qual apresentaremos de seguida mais detalhadamente.

Não é demais afirmar que o instrumento de pesquisa de dados desta investigação obedece a um método qualitativo.

Carmo e Ferreira (1998), definem Paradigma Qualitativo como uma concepção global fenomenológica, indutiva, estruturalista e de orientação para o processo, utilizada pelas Ciências Sociais e Humanas. Além disso, o paradigma qualitativo advoga o emprego de métodos qualitativos, é subjectivo, utiliza a observação naturalista, não tendo controlo, é mais próxima dos dados que quer adquirir e é fundamental na realidade, orientado para a descoberta, exploratório, expansionista, descritivo, orientado para o processo, válido por apresentar dados reais, ricos e profundos; holístico por natureza, assume uma realidade dinâmica.

O estudo de caso é uma investigação empírica que representa, em nosso entender, a estratégia preferida, uma vez que temos pouco controlo sobre os eventos a estudar, cujo foco se encontra num fenómeno contemporâneo inserido num contexto real e, cujos limites entre o fenómeno e o contexto não estão claramente definidos. Segundo Yin (1994) como esforço de pesquisa, o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos de fenómenos individuais. O estudo de caso aprova uma investigação que permite preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real. Por se caracterizar desta forma, os resultados de um estudo que siga o paradigma qualitativo onde o estudo de caso se insere, não deverão ser generalizados á excepção de uma generalização teórica, pois trata-se de estudos de casos isolados. O aspecto decisivo para a escolha desta metodologia prendeu-se com o tipo de questões que nos levaram a esta investigação. O nosso intuito é compreender o fenómeno do reconhecimento e percepção das expressões faciais na área da toxicod dependência feminina.

A perspectiva é, assim, interior, de dentro daquele que a experimenta. Não estudamos o fenómeno como ele é, mas sim como ele parece a quem o vê ou vive, pelo que não faz sentido ter uma atitude crítica ou céptica em relação á perspectiva que dele tem o sujeito avaliado.

Técnica de recolha de dados

Para inferir a eficácia dos participantes no reconhecimento das emoções básicas através da expressão facial, utilizou-se o Teste de Reconhecimento das Emoções Básicas, um teste de reconhecimento criado para esse efeito, constituído por sete slides, cada um deles exibindo uma imagem de expressão facial, representativa de uma dada emoção básica. O rosto que figurava em cada imagem era o mesmo nas sete expressões, o de um jovem caucasiano do sexo masculino. Essas imagens foram obtidas a partir de um trabalho de especialização de sistemas de suporte de decisão inteligente, intitulado *The Artificial Empathy: The Automatic Recognition of Basic Emotions Based on Facial Expressions*, disponível da Internet e apresentado em 2000, na Faculdade de Engenharia Eléctrica, da Universidade de Poznan, na Polónia. Os slides que constituíam o teste estavam ordenados de A a G. Assim, a imagem A remetia para a Raiva, a imagem B para o Desprezo, a imagem C para a Repulsa ou Nojo, a imagem D para o Medo, a imagem E para a Alegria, a imagem F para a Tristeza e a imagem G para a Surpresa. Estas seriam as combinações consideradas as respostas correctas.

Participantes

O número óptimo de participantes depende das características da investigação e do contexto onde a amostra é recolhida (Ribeiro, J. L., 2007). Assim sendo, por se tratar de um estudo de caso múltiplo seleccionámos apenas três participantes. Estes seriam três sujeitos caucasianos, do sexo feminino que acabariam de entrar para uma unidade de encaminhamento para uma futura

Comunidade Terapêutica, estando, portanto, ainda sob o efeito de drogas, sendo estas a heroína e a cocaína. A idade destas mulheres é de 34, 40 e 42 anos.

Descrição dos procedimentos

Contactámos, inicialmente, a instituição pretendida, á qual, depois de explicarmos o objectivo do nosso trabalho, pedimos a autorização para procedermos á elaboração do nosso estudo. Após a confirmação, dirigimo-nos então á instituição para assim proceder á passagem do Teste de Reconhecimento de Emoções Básicas.

Antes de aplicarmos o teste, tivemos o cuidado de conversar um pouco com cada um dos sujeitos individualmente, de forma a promover um clima acolhedor e de confiança, para que se sentissem mais á vontade na elaboração do teste.

Além disso, foi dado a carta de consentimento informado que expunha o objectivo do nosso estudo, a qual foi devidamente assinada, comprovando assim a participação das três mulheres toxicodependentes.

O teste foi aplicado numa só passagem, com um tempo limite de dois minutos, para que assim se pudesse obter respostas mais espontâneas. Assim, foi pedido aos participantes que observassem um conjunto de slides, para que, a cada imagem, legendada por uma letra, fizessem corresponder uma emoção, também ordenadas de 1 a 7 (1 – raiva, 2 – medo, 3 – surpresa, 4 – alegria, 5 – desprezo, 6 – tristeza, 7 – repulsa/nojo).

Uma vez terminado este procedimento, agradecemos mais uma vez a disponibilidade e gentileza dos participantes, cuja contribuição foi indispensável para a realização deste estudo.

Resultados

Apresentação dos resultados

Como o objectivo do nosso estudo será o de verificar a influência da toxicodependência no reconhecimento e na percepção das emoções básicas, optámos por proceder á análise categorial, um dos processos utilizado na análise de conteúdo.

Segundo Bardin (1977) a categorização é “uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género, com os critérios previamente definidos”. A categorização tem por objectivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos.

A própria análise de conteúdo baseia-se na crença de que a categorização (passagem dos dados brutos a dados organizados) não provoca desvios no material, mas que dá a conhecer índices invisíveis ao nível dos dados brutos.

A análise por categorias é, no conjunto das técnicas da análise de conteúdo, cronologicamente a mais antiga, sendo, contudo, na prática a mais utilizada. Funciona por operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo reagrupamentos analógicos.

A categorização é, então, um processo do tipo estruturalista e comporta duas etapas: inventário, no qual se vai isolar os elementos, e a classificação em que se procede á repartição dos elementos.

Portanto, o objectivo do nosso trabalho foi estabelecer várias categorias que correspondessem às sete emoções básicas e outras correspondentes aos três sujeitos toxicodependentes em estudo.

Vejamos o seguinte quadro que corresponde aos resultados obtidos:

Quadro 1

Emoções Básicas (Imagens)			
	Sujeito A	Sujeito B	Sujeito C
A – Raiva (1)	Errado (5)	Errado (7)	Correcto (1)
B – Desprezo (5)	Errado (4)	Errado (4)	Errado (4)
C – Repulsa/Nojo (7)	Correcto (7)	Errado (5)	Correcto (7)
D – Medo (2)	Errado (1)	Correcto (2)	Errado (4)
E – Alegria (4)	Correcto (4)	Correcto (4)	Errado (3)
F – Tristeza (6)	Correcto (6)	Correcto (6)	Errado (2)
G – Surpresa (3)	Correcto (3)	Correcto (3)	Correcto (3)

Como podemos observar no quadro 1, a surpresa (3) foi a única emoção básica que foi correctamente reconhecida pelos três sujeitos em estudo.

Contrariamente, o desprezo (5) não foi reconhecido por nenhum dos participantes, tendo todos estes confundido esta emoção com a alegria (4).

Por sua vez, a alegria apenas não foi reconhecida pelo sujeito C, que a confundiu com a surpresa (3), tendo os outros uma maior facilidade em reconhecer esta mesma emoção.

Em relação á tristeza, a capacidade perceptiva dos três participantes em relação a esta mesma emoção é idêntica á de alegria. Mais uma vez a dificuldade no reconhecimento da tristeza toca ao sujeito C que a confunde com o medo (2).

Em relação a esta última emoção básica, apenas o sujeito B a reconhece correctamente. O sujeito A confunde o medo com a Raiva (1) e o sujeito C confunde-o com a alegria.

Relativamente á raiva (1), esta emoção levantou algumas dificuldades no reconhecimento, sendo que apenas o sujeito C a reconhece correctamente. Assim, o sujeito A confunde-a com o desprezo e o sujeito B com a repulsa/nojo.

Por último, a repulsa/nojo só não é reconhecida pelo sujeito B, que a confunde com o desprezo.

Análise de resultados

Através da observação do quadro, podemos verificar que apesar de existirem algumas diferenças ao nível do processo perceptivo entre os vários participantes relativamente às várias emoções, existem contudo algumas semelhanças entre estes sujeitos toxicodependentes no reconhecimento das sete emoções básicas.

Assim, podemos logo constatar que todos os participantes reconhecem correctamente a emoção surpresa. Sendo esta uma emoção que se refere a uma reacção relativa a um acontecimento inesperado e, tendo em conta que todo o toxicómano já conhece todo o seu processo que é vicioso e repetitivo e portanto nada de novo e inesperado lhe espera, então poderíamos pressupor que a surpresa é uma emoção que ele não experiencia. Assim, como se trata de uma emoção que não faz parte da sua vivência, esperaríamos que o indivíduo tivesse dificuldades no reconhecimento desta mesma emoção, o que efectivamente não acontece com nenhum dos elementos que participaram neste estudo. Deste modo, deparamo-nos com a seguinte questão: será que o sujeito toxicodependente só reconhece correctamente as emoções que experiencia? E se assim for, poderíamos nós afirmar que os três participantes não seriam representativos da população que pretendíamos estudar? Contudo, relembramos que o nosso trabalho visa a compreensão de fenómenos individuais, em que os resultados não poderão ser generalizados, á excepção de uma generalização teórica.

Relembramos, então, a alegria e a tristeza como duas emoções opostas que estão sempre presentes alternadamente na vivência do tóxicomano e que, segundo as ideias de Rosenfeld (1980), aproximam este mesmo sujeito dos fenómenos maníaco-depressivos.

Além disso, verificámos que a capacidade perceptiva dos sujeitos é idêntica no que respeita estas duas emoções, ou seja, quando o participante reconhece correctamente a emoção alegria vai reconhecer igualmente a emoção oposta – tristeza – e vice-versa; este mesmo processo aplica-se no caso do sujeito não reconhecer uma destas emoções, sendo assim, o facto de o sujeito não identificar uma destas emoções vai implicar esta mesma dificuldade relativamente á emoção contrária.

Contudo, enquanto que os sujeitos A e B reconhecem correctamente estas duas emoções básicas, o sujeito C já apresenta dificuldades, pelo que não consegue identificá-las. Assim, voltamos novamente á questão que colocámos anteriormente, na medida em que este indivíduo, que está sob a mesma condição que os restantes participantes – toxicodependência -, não reconhece aquelas emoções que estão constantemente presentes na sua vida. Ou seja, apesar da alegria e da tristeza serem duas emoções que fazem parte da vivência deste indivíduo, bem como dos restantes que participaram neste estudo, mesmo assim este não as consegue identificar, o que nos faz retomar á questão colocada anteriormente.

Como já mencionámos, estas duas emoções anteriormente citadas remetem-nos para os fenómenos maníaco-depressivos que o indivíduo vivencia na sua toxicodependência. Assim, o sujeito pode percepcionar a tristeza e a alegria da mesma forma, tal como utiliza estas mesmas emoções no processo da toxicodependência: a tristeza corresponderia ao sofrimento por que este passa e, de forma a colmatar este sofrimento, o sujeito vai utilizar a droga como um “prazer” intoxicante e que vai trazer uma alegria que, rapidamente, desaparece após o efeito provocado pela substância tóxica. Após o efeito desta, a realidade torna-se dolorosa, pelo que o sujeito é levado a consumir compulsivamente de forma a combater a sua depressão e sofrimento. Este processo torna-se então num ciclo vicioso e o indivíduo não consegue desprender-se dele pois, de certa forma, é encarado como um processo que garante a sua sobrevivência. Ou por outras palavras, é o estado maníaco, caracterizado por momentos de euforia, prazer e alegria instantâneos, que o prendem a esta realidade tão dura que é a droga.

Já que abordamos a posição maníaca e sendo a alegria uma das emoções experienciadas nesta posição, salientemos que todos os participantes nunca reconheceram a emoção desprezo, tendo-a confundido com a alegria. E aqui recordamos que o desprezo, o triunfo sobre o objecto, a alegria momentânea, bem como o sentimento de onnipotência, podem ser tomados como elementos da posição maníaca. Podemos dizer, então, que os sujeitos tendem a confundir o desprezo com a alegria, na medida em que ambos fazem parte de uma posição que todo o toxicómano passa ao longo do processo adictivo – posição maníaca. Além de que os participantes ao

confundirem estas duas emoções, características deste mesmo estado, estão-nos a dar conta da sua facilidade em seguir este mesmo caminho rumo ao prazer intoxicante.

Por outro lado, embora o desprezo seja característico do estado maníaco, sendo este caracterizado por emoções que de certa forma têm um carácter positivo embora sendo momentâneas (como por exemplo, a alegria, a euforia, prazer), poderíamos, contudo, postular que o desprezo não teria esta mesma conotação, e portanto estaria mais associado a um carácter negativo como seria o medo, a raiva, a tristeza e a repulsa/nojo. Então, o que define uma emoção positiva e negativa? Estará, portanto, associada ao estado emocional do indivíduo? Segundo Freitas-Magalhães (2007) alguns autores catalogaram as emoções deste modo, mas o único consenso a que a comunidade científica chegou foi a existência destas sete emoções básicas.

Verificamos que, normalmente, os participantes tinham tendência para confundir as emoções que teriam a mesma conotação, como por exemplo, o sujeito A confunde o medo com a raiva, o sujeito B confunde a raiva com a repulsa/nojo e o sujeito C confunde a tristeza com o medo, o que nos pareceu natural e ao qual tentámos também encontrar uma explicação baseada na vivência destes sujeitos.

Por exemplo, a confusão que o sujeito A faz entre o medo e a raiva poderá fazer algum sentido, na medida em que podemos associar o medo ao facto do toxicómano não conseguir resistir ao produto intoxicante, e é ao cair no imediatismo das soluções tóxicas que entra a raiva sobre si mesmo por não conseguir resistir á tentação. Ao contrário do sujeito A, o sujeito B nunca percepçiona a emoção raiva ficando-se apenas pelo medo, medo este que poderia ser o de não conseguir resistir ao objecto intoxicante, não passando portanto logo á acção, ou seja, ao deixar-se seduzir pela tentação, a droga. Ao irmos de encontro às ideias de Rosenfeld (1980), este individuo ao se identificar com o objecto nocivo que é a droga, sentindo repulsa não por este objecto mas por si mesmo, também poderá igualmente sentir medo de si mesmo, ou seja, este indivíduo, não tem medo do objecto maligno mas sim de si mesmo de deixar-se conquistar por esse mesmo objecto. Quanto ao sujeito C, o participante tal como não reconhece a alegria também não reconhece correctamente a tristeza, ao confundi-la com o medo. Relativamente á tristeza, característica de um estado depressivo, podemos observar que o sujeito não reconheceu correctamente esta emoção ao confundi-la com o medo, tendo ambas as emoções um carácter negativo. O medo surge normalmente com a percepção do risco, ou seja, a possível ocorrência de algo danoso e que, neste caso, representaria o

objecto tóxico. A tristeza, a qual não é correctamente percebida, poderia ser uma emoção provocada por este mesmo objecto após o seu efeito no indivíduo. Portanto, o indivíduo ao não reconhecer a tristeza, mas sim o medo, estaria a revelar a consciência que ele tem relativamente ao perigo que a droga representa e que o levaria a um estado de sofrimento e de tristeza.

Mas relativamente á emoção desprezo, todos os indivíduos participantes deste estudo confundiram-no com a alegria, o que poderia vir a contrariar a ideia de que a classificação das emoções depende do estado emocional.

Á excepção desta última, verificamos também que estas mulheres, que participaram no nosso estudo, tinham tendência a confundir mais as emoções de carácter negativo (medo, raiva, desprezo, repulsa/nojo) e que, portanto, se poderiam aproximar a uma posição depressiva, o que nos poderá dar conta das variadas experiências frustrantes, difíceis, e de grande sofrimento a que estas estão submetidas.

Discussão

Antes de mais, será importante frisar novamente que a descodificação das emoções que passam pelo rosto humano não é tarefa fácil, mostrando-se, desta forma, uma mais-valia para o acto de comunicar. Só através da microexpressão é que é possível detectar as incongruências emocionais. Portanto, antes de nos debruçarmos sobre o reconhecimento que a mulher toxicodependente tem das expressões emocionais, será necessário salientar a dificuldade deste acto. E aqui será também importante relembrar a influência que certas variáveis têm no desenvolvimento do comportamento emocional. Falamos, então, da cultura, da educação e dos estereótipos socioculturais (Richelle, cit in Freitas-Magalhães, 2007). Assim, tal como estas variáveis têm a sua influência no comportamento emocional, também irão ter no reconhecimento deste mesmo comportamento.

Uma das teorias que considerarmos com maior relevância para o nosso estudo é a de Ekman. Assim, concordamos que todos nós possuímos um conjunto de emoções inatas que podem ser objecto de modificação, através da aprendizagem. Outro aspecto relevante, é que as emoções básicas são pré-determinadas pela psicofisiologia, sem que haja controlo voluntário, embora ocorra uma percepção do processamento por parte do indivíduo. Além disso, foi graças a este autor que se pôde estabelecer a correspondência entre os estados emocionais e as expressões faciais, através do FACS (Facial Action Coding Sistem), sem o qual não teria sido possível chegar aos estudos actualmente existentes.

Relativamente á influência da avaliação do objecto/situação no estado emocional, consideramos que muitas vezes as emoções ocorrem sem que se faça qualquer avaliação do objecto que as causa ou mesmo da situação em que esse objecto aparece. Contudo, julgamos que, tal como Schachter e Singer (cit in Freitas-Magalhães, 2007) consideram, a interpretação dos estados emocionais está sempre sujeita á avaliação do contexto. A emoção é por si só, um meio natural de avaliar o ambiente que nos circunda e a reagir de forma adaptativa. Assim, a emoção é considerada um catalizador entre o meio e os nossos comportamentos.

É aqui que surge a questão central do nosso trabalho, na medida em que considerámos que a vivência emocional dos indivíduos em estudo - avaliação do contexto - poderia de alguma forma afectar a capacidade perceptiva destes mesmos em relação às sete emoções básicas - interpretação do estado emocional.

Quanto aos resultados mais práticos, decorrentes da investigação empírica realizada, não podemos contudo chegar a nenhuma conclusão, ou pelo menos cair em generalizações, á excepção de uma generalização teórica, devido ao instrumento de pesquisa de dados utilizado. Assim, apenas podemos fazer algumas reflexões que poderão ser úteis em investigações futuras.

Um dos objectivos do nosso trabalho foi verificar se a vivência emocional da mulher toxicodependente poderia afectar a sua capacidade perceptiva em relação às emoções básicas.

Recordemos, então, que a mulher toxicodependente tem tendência a uma sintomatologia depressiva caracterizada por perturbações de auto-estima e relações interpessoais pouco investidas, pois sentem-se desprezadas e rejeitadas pelos demais. Por outro lado, Rosenfeld (1960) observou uma relação de similaridade entre a toxicodependência e os fenómenos maníacos-depressivos. Acerca da posição depressiva, podemos pensar que há uma identificação com o objecto doente, que neste caso está simbolizado pela droga, e a sua incorporação, aliada aos farmacotóxicos produzidos, serviria para reforçar a identificação com o objecto.

Assim, julgámos que as mulheres teriam uma maior facilidade em reconhecer as emoções que caracterizariam a sua vivência, que, neste caso, é predominantemente depressiva e, foi por esta mesma razão que um dos objectivos do nosso trabalho foi verificar se a vivência emocional destas mulheres poderia afectar a sua capacidade perceptiva, e deste modo comprovar esta nossa ideia inicial. No entanto, como optámos por um estudo de carácter qualitativo, preocupámo-nos, então em estudar de forma mais aprofundada este fenómeno, na medida em que não nos foi possível obter alguma conclusão objectiva, não sendo esta sequer a nossa intenção.

Em primeiro lugar, temos que ter em conta que apesar de a sintomatologia depressiva ser a mais frequente, nomeadamente nas mulheres, também é obvio que essa sintomatologia vai variar consoante a substância de que se abusa. Por exemplo, no caso dos heroínomano a angústia é do tipo psicótico, é uma angústia de aniquilamento, por falta de um objecto continente. Assim, é necessário ter sempre em atenção o tipo de substância abusada, pois poderá dar-nos alguma indicação acerca do estado emocional do indivíduo.

Além disso, um outro aspecto que poderá de algum modo influenciar o nosso estudo é a dificuldade que estes indivíduos têm em funcionar ao nível das representações mentais, e portanto, poderá consequentemente haver dificuldades ao

nível perceptivo. Se um indivíduo não é capaz de uma representação mental de uma emoção, então admitimos que irá ter dificuldades no reconhecimento e na percepção dessa mesma emoção.

De forma a compensar a imobilidade do seu universo imaginário, este indivíduo vai sentir uma extrema necessidade em reagir por actos, daí que seja muito frequente a passagem ao acto por parte destes indivíduos, é como se o comportamento colmatasse a sua carência imaginária.

Por outro lado, a sua dificuldade de identificação, que geralmente é provocada pela situação de pais ausentes e/ou pouco representativos, torna os jovens passivos perante situações exteriores, tornando-os incapazes de reagir de forma adequada às situações que se lhe colocam em interacção com o contexto (cit in Lazarus, 1984). Assim, apenas poderemos afirmar que o indivíduo só tem como sua identificação o objecto nocivo, que é a droga, e que o leva a consumir compulsivamente. Contudo, como já referimos anteriormente, este mesmo sujeito tem consciência do perigo que este objecto representa, daí a raiva sentida para com esse objecto e consequentemente por si mesmo. Portanto, se este indivíduo sente raiva dele mesmo e desse objecto adictivo porque é que ele continua a consumir? Se ele tem consciência do perigo que a droga é, porque é que continua neste ciclo vicioso? Existe evidentemente uma parte consciente do sujeito e que o alerta dos riscos do seu ciclo adictivo e, por outro lado, algo inconsciente que o faz voltar a este mesmo ciclo vicioso.

De forma resumida, poderíamos dizer que a vivência do toxicómano é caracterizada por uma grande imaturidade afectiva, carências identificatórias bem como dificuldades ao nível das representações mentais, o que pode vir a condicionar, efectivamente, a capacidade de percepção e de reconhecimento das emoções básicas.

Além disso, neste trabalho estamos a limitar a capacidade perceptiva apenas em relação às emoções básicas, e portanto, julgamos que seria importante estudar a percepção noutros contextos que sejam importantes para a vida do homem.

Relativamente ao instrumento de pesquisa realçamos que este constituiu uma das nossas principais limitações. Tal como já foi mencionado, os resultados deste tipo de estudo não são generalizáveis, á excepção de uma generalização teórica, o que, consequentemente provoca igualmente uma falta de objectividade por parte do investigador.

Também considerámos que uma das grandes limitações ao nosso estudo foi também o teste utilizado, sem estudos prévios. Julgamos que a disposição das imagens

pode ter influenciado as respostas, porque inicialmente eram apresentadas aquelas que viriam a ser mais difíceis de identificar, desmotivando os sujeitos a prosseguir com empenho.

No que diz respeito aos procedimentos, verificou-se alguma dificuldade em conseguir que os sujeitos cumprissem o tempo máximo estabelecido para a resposta ao teste.

Finalmente, salientamos a nossa dificuldade em encontrar literatura específica referente á capacidade perceptiva dos sujeitos toxicodependentes, pelo que optámos por nos basear nas suas vivências de forma a compreender o fenómeno perceptivo.

Conclusão

Os estados emocionais podem ser definidos como um eixo constituído por fenómenos comportamentais, que são sobretudo expressivos ou gestuais, por fenómenos fisiológicos e por elementos subjectivos.

Em linguagem neurofisiológica, a cadeia de fenómenos que provoca a emoção começa quando os sinais neurais correspondentes a um certo estímulo são comunicados em paralelo, ao longo de diversas projecções neurais, para outras regiões do cérebro. O conjunto de reacções químicas e neurais decorrentes alteram o meio interior, o estado das vísceras e o estado dos músculos durante um certo período de tempo e com um certo perfil – consequências fisiológicas da cadeia de processos que conduzem á emoção. É assim que se conseguem realizar as expressões faciais, verbalizações, certas posturas do corpo e certos padrões de comportamentos específicos (Damásio, 2004).

A emoção pode, assim, ser considerada como uma realidade multidimensional que surge como resposta aos desafios significativos para o sujeito, com uma componente expressiva, fisiológica, comportamental, afectiva, cognitiva e social. As suas principais funções passam pela criação de estratégias imediatas para lidar com as tarefas de vida fundamentais (Lazarus, 1992, cit in Oatley, K., Keltner, D. e Jenkins, J. M. (2006) e estabelecer, manter e/ou interromper relações significativas entre o organismo e o ambiente (externo/interno) (Barret & Campos, 1987, cit in Oatley, K., Keltner, D., e Jenkins, J. M. (2006).

Podemos concluir também que uma categoria específica, as emoções primárias são inatas e resultam de mecanismos que procuram garantir a preservação da espécie humana. Ao longo da evolução foram sendo cada vez mais aperfeiçoadas, despoletando no Homem o desenvolvimento de características sociais, de que também dispunha á partida, mas só concretizáveis pela interacção com os demais, o que, por sua vez, foi conduzindo a alterações morfológicas e orgânicas que o tornaram cada vez mais apto a sobreviver eficazmente. As emoções que dessa complexificação resultaram, ditas por isso secundárias, surgem assim noutra patamar. O seu carácter inato mantém-se, enquanto predisposição, embora a sua componente social seja mais marcada que nas emoções primárias. Ambas são indispensáveis e partilhadas universalmente, tanto na sua expressão, como no seu reconhecimento.

Considerando os objectivos delineados e, cruzando toda a informação teórica exposta na primeira parte do nosso trabalho com os resultados obtidos, poderemos então concluir que as experiências emocionais dos participantes podem interferir na sua capacidade perceptiva, relativamente às sete emoções básicas.

Salientamos, deste modo, a importância da avaliação do contexto que é referida inicialmente (página 5), na medida em que considerámos a toxicodependência como uma variável e que corresponde ao contexto em que os participantes se inserem. A toxicodependência é, mais do que tudo, uma experiência emocional pela qual o indivíduo passa e que, de certo modo, influencia a capacidade perceptiva deste mesmo.

Assim, todo o cuidado que se teve na escolha dos participantes com todas as características específicas para este estudo, reflecte-se agora nos resultados finais.

Quando nos referimos ao contexto, falamos também da grande imaturidade afectiva, nas carências identificatórias e nas dificuldades ao nível das representações mentais que caracterizam a vivência do toxicómano e que vão, igualmente, condicionar o reconhecimento das emoções básicas.

Um dos nossos objectivos propostos foi também verificar se as mulheres têm a mesma capacidade perceptiva, mesmo estando sob a influência de drogas. Relativamente a esta questão, apenas poderíamos obter alguma conclusão objectiva se pudsésemos estabelecer um termo de comparação e, neste sentido, aplicar o mesmo procedimento a um grupo de mulheres que não estivessem sob a influência da toxicodependência. Só através de um estudo comparativo é que poderíamos chegar a uma conclusão plausível acerca desta questão.

Acabámos, contudo, por fugir a resultados mais específicos, para que pudsésemos compreender melhor toda a vivência do toxicómano e modo como esta influencia as capacidades do sujeito, nomeadamente ao nível perceptivo. Interessou-nos, portanto, compreender a influência do fenómeno da toxicodependência na percepção que o indivíduo tem das emoções básicas.

Mas então afinal o que seria de esperar no reconhecimento das emoções por um toxicodependente?

Afinal este indivíduo passa por um turbilhão de emoções que o fazem girar num mundo em que nada é estável e tudo é descartável. E esta quantidade de emoções, que se cruzam tantas vezes na vida do toxicómano, são percebidas também de forma instável e confusa, tal como ele próprio as sente. Portanto, nada nos garante relativamente ao modo como o indivíduo percebe estas emoções. De facto, a

toxicodependência influencia a percepção das emoções, devido á experiência que o indivíduo tem dessas mesmas emoções, no entanto, nem sempre poderemos tirar alguma conclusão segura relativamente a essa influência, dada a instabilidade do processo da adicção. No fundo, as diversas experiências emocionais e que, por várias vezes se interceptam, não nos podem dar uma resposta estável relativamente a este fenómeno e foi exactamente isso que nos motivou para a realização deste trabalho.

Portanto, o que consideramos realmente importante foi verificar a diversidade de experiências emocionais que o sujeito toxicómano passa e ver a influência que estas têm na percepção das emoções básicas, como um fenómeno de grande complexidade... Afinal a influência que a toxicodependência tem na percepção das emoções básicas é tão instável quanto o processo adictivo.

Bibliografia

- American Psychological Association (2001). *Publication manual* (5th ed). [Electronic Version]. Washington, DC: Autor. Retrieved June 15, 2007 from www.apa.org;
- Almeida, L. & Freire, T. (2007). *Metodologia da investigação em Psicologia e Educação*. Braga: Psiquilibrios Edições;
- Azevedo, M. (2006). *Teses, relatórios e trabalhos escolares* (5th ed). Lisboa: Universidade Católica Editora;
- Ballone, G. J. (2002). *Sentimentos e Emoções*. In PsiqWeb. Retrieved March 3, 2007, from <http://woc.uc.pt/fpce/class/getmaterial.do?idclass=517&idyear=3>;
- Bardin, L. (1979). “*Análise de Conteúdo*”. Edições 70, Lisboa;
- Bergeret, J.; Leblanc, J. et collaborateurs (1984). “*Précis des Toxicomanies*”. Masson, Paris.
- Cherniss, C. (2002). Emotional intelligence and the good community. *American Journal of Community Psychology*, 30(1). ProQuest Psychology Journals;
- Chevalier, J. & Geerbant, A. (1997). *Dicionário dos símbolos*. Lisboa: Circulo de Leitores;
- Damásio, A. (2004). *Ao encontro de Espinosa: As emoções sociais e a neurologia do sentir* (6thed). Mem Martins: Publicações Europa América;
- Damásio, A. (2004). *O sentimento de si: O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência* (15thed). Mem Martins: Publicações Europa América;
- Damásio, A. (2005). *O Erro de Descartes: Emoção, Razão e Cérebro Humano* (24thed). Mem Martins: Publicações Europa América;
- Darwin, C. (1872). *The Expression of the Emotions in the Man and Animals*. London: Murray;
- Dias, A. (1980). “*A influência relativa dos factores psicológicos e sociais no evolutivo toxicómano*”. Ed, Autor/Delagrangr, Coimbra;
- Dias, A.; Vicente, T. (1984). “*A depressão na adolescência*”. Ed. Afrontamento, Porto;
- Dias, A. (1988). “*Para uma psicanálise da relação*”. Ed. Afrontamento, Porto;
- Eiser, J. R.; Morgan, M., Gammage, P., Belief Correlates of Perceived Adiction in Young Smokers, *European Journal of Psychology of Education*, 1987, vol II, nº 4, ISPA;

- Ekman, P. (1970). Universal Facial Expressions of Emotion. *California Mental Health Research Digest*, 8, 151-158. Retrieved July 31, 2007 from <http://www.paulekman.com/articlesandbookchapters.html>;
- Ekman, P. (1982). *Emotion in the Human Face*. (2nd ed). Cambrige: Cambrige University Press;
- Ekman, P. (1993). Facial Expression and Emotion. *American Psychologist*, 48, 384-392. Retrieved April 4, 2007 from <http://www.paulekman.com/downloadablearticles.html>;
- Ekman, P. (1996). Why don't we catch liars? *Social Research*, 63, 801-817, Retrieved February 10, 2007 from <http://www.paulekman.com/downloadablearticles.html>;
- Ekman, P. (1999). Basic Emotions. In T. Dalgleish & T. Power (Eds.), *The Handbook of Cognition and Emotion* (pp.45-60). Sussex, U.K.: John Wiley & Sons, Ltd. Retrieved July 31, 2007 from <http://www.paulekman.com/downloadablearticles.html>;
- Ekman, P. (1999). Facial Expressions. In T. Dalgleish & T. Power (Eds), *The Handbook of Cognition and Emotion* (pp 301-320). Sussex, U. K.: John Wiley & Sons, Ltd. Retrieved July 31, 2007 from <http://www.paulekman.com/downloadarticles.html>;
- Ekman, P. (2001). Facial Expressions [Electronic Version]. In C. Blakemore & S. Jennett (Eds), *Oxford Companion to the Body*. London: Oxford University Press. Retrieved June 14, 2007 from <http://www.paulekman.com/articlesandbookchapters.html>;
- Ekman, P. (2002). The Naked Face [Electronic Version]. *The New Yorker*. Retrieved August 15, 2007 from <http://www.paulekman.com/recentarticles.html>;
- Ekman, P., Campos, J., Davidson, R.J., & De Waals, F. (2003). Darwin deception and Facial Expression. In *Emotions inside out*, 1000. New York: Annals of the New York Academy of Sciences (pp. 205-221). Retrieved June 8, 2007 from <http://www.paulekman.com/downloadablearticles.html>;
- Ekman, P., Davidson, R., Ricard, M., & Wallace, A. (2005). Buddhist and psychological perspectives on emotion and well-being. *American Psychological Society*, 14, 59-63. Retrieved April 4, 2007 from <http://www.paulekman.com/downloadablearticles.html>;
- Ekman, P., Friesen, W. V., & Tomkins, S. S. (1971). Facial Affect scoring technique: a first validity study. *Semiotica*, 3, 37-58;
- Ekman, P., & Friesen, W. V. (1971). Constants across cultures in the face and emotion. *Journal of Personality and Social Psychology*, 17, 124-129;
- Ekman, P., & O'Sullivan, M. (1991). Who can catch a liar. *American Psychologist*, 46, 913-920. Retrieved May 15, 2007 from <http://www.paulekman.com/downloadablearticles.html>;
- Ekman, P., Sorenson, E. R., Friesen, W. V. (1969). Pan Cultural elements in facial displays of emotion. *Science*, 164, 86-88;

- Fialho, F. & Vaz, F. (2002). *Expressão Facial*. Retrieved May 15, 2007 from http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/hfe/lugares/naoverbal/expressao_facial.html
- Freitas-Magalhães, A. (2007). *A Psicologia das Emoções: O Fascínio do Rosto Humano*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa;
- Goleman, D. (1997). *Inteligência Emocional*. Lisboa: Temas e Debates;
- Goleman, D. (2004). *Destructive Emotion: A Scientific Dialogue with the Dalai Lama*. Westminister, MD, USA: Bantam Books;
- Haxby, J. V., & Gobbini, M. I. (2007). The perception of Emotion and social cues in faces [Electronic Version]. *Neuropsychologia*, 45. Retrieved April 10, 2007 from <http://www.sciencedirect.com>;
- Jelonek, M. J. (2000). *The artificial empathy: The automatic recognition of basic emotions based on facial expressions* [Electronic Version]. Poznan: Poznan University of Technology. Retrieved June 8, 2007 from <http://www.cs.put.poznan.pl/dobek/empathy/>;
- Keltner, D., Ekman, P., Gonzaga, G. C., & Beer, J. (2003). Facial expression of emotion. In RJ Davidson, KR Scherer, & H. H. Goldsmith (Eds.), *Handbook of Affective Sciences* (pp. 415-531). New York: Oxford University Press. Retrieved February 12, 2007 from <http://www.paulekman.com/articlesandbookchapters.html>;
- Kofler, A. (Ed.). (1997). Should we call it expression or communication? [Special Edition]. *Innovations in Social Science Research*, 10, 333-344. Retrieved January 18, 2007 from <http://www.paulekman.com/downloadablearticles.html>;
- Luzes, P. (2004). *Do pensamento á emoção: Perspectivas psicanalíticas*. Lisboa: Fenda Edições;
- Manuila, L., Manuila, A., Lewalle, P., & Nicoulin. M. (2000). *Dicionário médico*. Lisboa: Climepsi Editores;
- Marcelino, M. C. A. & Santos, F. B. P. (1990). *A toxicodependência na mulher*. Colectânea de textos, III, 279-287. Ed. Centro Taipas;
- Matos, A.C. “*Depressão na adolescência*” I Forum de Psicologia clínica – Workshop – Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica, 1992
- Mayes, L. (1995). In M. H. Bornstein (Ed). *Handbook of parenting* (pp 101-125). Mahwah: Lawrence Erlbaum;
- Minuchin, S. (1982). “*Famílias, funcionamento e tratamento*”. Ed. Artes Médicas Porto Alegre.

Moore, S. C., & Oaksford, M. (2002). Some long-term effects of emotion on cognition. *British Journal of Psychology*, 93, 383. ProQuest Psychology Journals;

Oatley, K., Keltner, D., & Jenkins, J. M. (2006). *Understanding emotions*. Oxford: Blackwell Publishing;

Organização Mundial de Saúde (1993). *Classificação de transtornos mentais e de comportamento na ICD-10. Descrição clínica e directrizes diagnósticas*. Artes Médicas, Porto Alegre;

Ribeiro, P. (2007). *Metodologia de Investigação em Psicologia e Saúde*. Porto:Legis Editora/Livpsic;J

Sampaio, D.; Gameiro, J. (1985). “*Terapia Familiar*”. Ed. Afrontamento, Lisboa;

Sami-Ali (1988). “*Le haschisc en Egypte*”. Bordas, Paris.

Santos, E. (2007). *Psicofisiologia da emoção*. Retrieved June 30, 2007 from <http://woc.uc.pt/fpce/class/getmaterial.do?idclass=443&idyear=2>

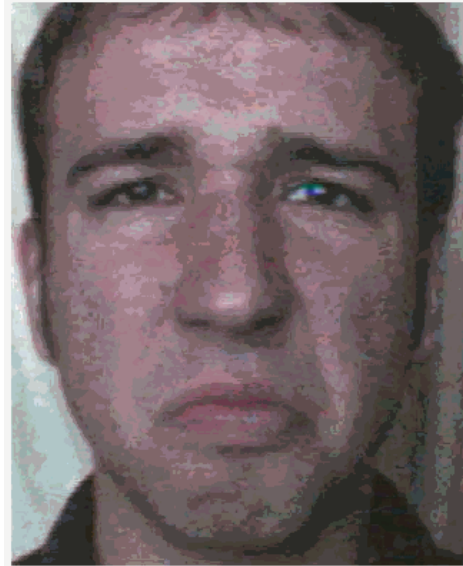
Silbereisen, R.; Eyferth, K.; Rudinger, G. (1986). “*Development as action in context*”. Springer – Verlag Berlin Heidelberg;

Towe, N.,; Gameiro, J. (1991). 2ª Conferencia Internacional sobre la seguridad, las drogas y la prevencion de la delincuencia en el médio urbano “*Reducir el consumo de drogas: aceptar el desafio en la ciudades de Europa*”, Imprensa Municipal de Lisboa;

Turner, J. (2000). Origens das emoções humanas: *Um inquérito sociológico acerca da evolução da afectividade*. Lisboa: Piaget Editora

ANEXOS

Teste de Reconhecimento das Emoções Básicas



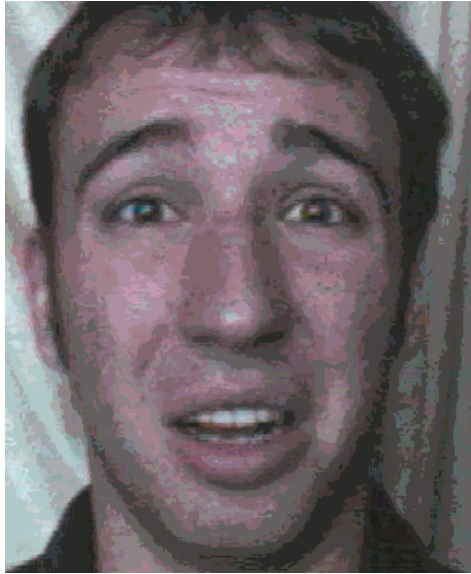
B



C



D



E



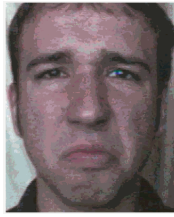
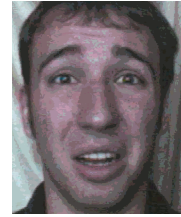
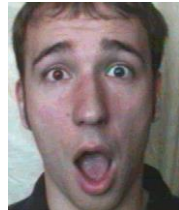
F



G



Expressões faciais e Emoções básicas

**A****B****C****D****E****F****G**

- 1-Raiva
- 2-Medo
- 3-Surpresa
- 4-Alegria
- 5-Desprezo
- 6-Tristeza
- 7-Repulsa/Nojo

Teste de reconhecimento das Emoções Básicas
Folha de resposta

Nome_____ Idade_____

Imagem A –

Imagem B –

Imagem C –

Imagem D –

Imagem E –

Imagem F –

Imagem G –

Teste de Reconhecimento das Emoções Básicas**Respostas Correctas:**

Imagem A – Raiva (1)

Imagem B – Desprezo (5)

Imagem C – Repulsa/Nojo (7)

Imagem D – Medo (2)

Imagem E – Alegria (4)

Imagem F – Tristeza (6)

Imagem G – Surpresa (3)